

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

ALEX MENEZES MATSUYAMA

**BEBÊS, CRIANÇAS E HOMENS NA CONSTRUÇÃO DE  
MASCULINIDADES E PATERNIDADES**

ALEX MENEZES MATSUYAMA

**BEBÊS, CRIANÇAS E HOMENS NA CONSTRUÇÃO DE  
MASCULINIDADES E PATERNIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso de  
Licenciatura em Pedagogia apresentado à  
Faculdade de Educação da Universidade  
Estadual de Campinas.

Orientado por: Gabriela Tebet

CAMPINAS

2021

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca da Faculdade de Educação  
Rosemary Passos - CRB 8/5751

M429b Matsuyama, Alex Menezes, 1998-  
Bebês, crianças e homens na construção de masculinidades e paternidades /  
Alex Menezes Matsuyama. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Gabriela Guarnieri de Campos Tebet.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de  
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Masculinidade. 2. Paternidade. 3. Família. 4. Pandemias. 5. Infância. I.  
Tebet, Gabriela Guarnieri de Campos, 1981-. II. Universidade Estadual de  
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações adicionais, complementares

**Título em outro idioma:** Babies, children and men in the construction of masculinities and paternities

**Palavras-chave em inglês:**

Masculinities

Paternity

Family

Pandemic

Childhood

**Titulação:** Licenciado

**Banca examinadora:**

Vitor Janei Neto

**Data de entrega do trabalho definitivo:** 18-01-2021



### **Nada é impossível de mudar**

“Desconfiai do mais trivial,  
na aparência singelo.  
E examinai, sobretudo, o que parece  
habitual.

Suplicamos expressamente:

Não aceiteis o que é de hábito como coisa  
natural, pois em tempo de desordem  
sangrenta, de confusão organizada, de  
arbitrariedade consciente, de humanidade  
desumanizada, nada deve parecer natural,  
nada deve parecer impossível de mudar.”

(Bertold Brecht)

## **AGRADECIMENTOS**

Dedico a escrita deste trabalho primeiramente aos meus familiares, sobretudo a minha mãe que me trouxe alento em momentos difíceis de respirar. Aos meus sobrinhos, que me trouxeram esperança e devires novos, nas suas graças. À minha irmã que sempre cuidou de mim, e continua me mostrando que o amor fraterno existe e resiste. Aos meus avós maternos, que se um dia eu tive uma infância feliz foi por conta deles. Segundamente e não menos importante, agradeço a todas as oportunidades de escrita e reescrita da minha orientadora Gabriela Tebet. Com ela, aprendi a pesquisar e adquiri gosto pela coisa! Agradeço também, a Luciana da Coordenação de Pedagogia da Faculdade de Educação, que me ajudou muitíssimo sempre que precisei, e com muita amorosidade. Sem ela, não teria conseguido os documentos para realizar meu intercâmbio. Também quero agradecer aos meus professores da Faculdade de Educação, com eles tenho referências de professores marcantes, e aos meus amigos de graduação, de corredor, que me apoiaram e me incentivaram a chegar até aqui - Mari, Rebeca, Héri, Kauê, Pedro, Karol, e tantos outros! Por fim, agradeço ao professor e ao pai que se disponibilizaram a participar deste trabalho. Foram muitas dúvidas e reflexões que me surgiram ao trabalho, e durante todos esses momentos, eles estiveram em prontidão para me auxiliar na escrita deste trabalho.

## RESUMO

O presente trabalho investiga a relação que homens na condição de professor e de pai se relacionam com as crianças, e de que modo estas relações têm trazido reflexões e inflexões nas masculinidades. Para isso, foram realizadas pesquisas de campo e entrevistas semi-estruturadas com 1 professor de berçário e um 1 pai como principal responsável pela tutela de seu filho. Além disso, foram selecionadas algumas bibliografias a partir dos descritores “paternidade”, “masculinidades”, “homens e gênero” a fim de dialogar com as percepções no campo de pesquisa. Como resultado, percebe-se que a construção social da masculinidade é conjunta, e que, a criança possui agência na constituição de masculinidades mais afetuosas, mas que ela, sozinha, pouco tensiona as estruturas da masculinidade hegemônica, em vista da própria dinâmica do trabalho e da condição sócio-histórica da relação entre homens e a infância.

**Palavras-chave:** masculinidades; paternidade; família; pandemia; infância

## **ABSTRACT**

The present work investigates the relationship that men as a teacher and father relate to children, and how these relationships have brought reflections and inflections in masculinities. For this, field research and semi-structured interviews were conducted with 1 nursery teacher and 1 father as the main responsible for the guardianship of his son. In addition, some bibliographies were selected from the descriptors “fatherhood”, “masculinities”, “men and gender” in order to dialogue with the perceptions in the research field. As a result, it is perceived that the social construction of masculinity is joint, and that the child has an agency in the constitution of more affectionate masculinities, but the child alone tensions the structures of hegemonic masculinity, in view of the dynamics of work itself and the socio-historical condition of the relationship between men and childhood.

**Keywords:** masculinities; paternity; family; pandemic; childhood

## **LISTA DE SIGLAS:**

**ABRAFH** - Associação Brasileira de Famílias Homotransafetivas

**ALESP** - Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo

**CEI** - Centro de Educação Infantil

**CNBC** - Consumer News and Business Chanell

**DCNEI** - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

**PL** - Projeto de Lei

**SME** - Secretaria Municipal de Educação

**TCLE** - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**UNICAMP** - Universidade Estadual de Campinas

# SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>A PESQUISA</b> .....	<b>12</b>
<b>2.1</b>	<b>Pesquisa de campo</b> .....	<b>12</b>
<b>3</b>	<b>UMA BREVE CONSTRUÇÃO DE GÊNERO</b> .....	<b>14</b>
<b>3.1</b>	<b>O constructo da família</b> .....	<b>16</b>
<b>3.2</b>	<b>A questão da identidade de gênero</b> .....	<b>19</b>
<b>3.3</b>	<b>Masculinidades dissidentes</b> .....	<b>24</b>
<b>4</b>	<b>O PAPEL DA PROFISSÃO NA CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE</b> .....	<b>25</b>
<b>4.1</b>	<b>A docência do professor Leo</b> .....	<b>28</b>
<b>4.2</b>	<b>Projeto de Lei 1.174/2019 - Confere a profissionais do sexo feminino exclusividade nos cuidados íntimos com crianças na Educação Infantil.</b> .....	<b>35</b>
<b>5</b>	<b>AS RELAÇÕES FAMILIARES</b> .....	<b>36</b>
<b>5.1</b>	<b>Estudos psicossociais da paternidade</b> .....	<b>40</b>
<b>5.2</b>	<b>A paternidade nas relações familiares</b> .....	<b>43</b>
<b>5.3</b>	<b>A paternagem na Família Amor</b> .....	<b>46</b>
<b>6</b>	<b>O QUE AS CRIANÇAS E OS BEBÊS NOS ENSINAM?</b> .....	<b>48</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>52</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>54</b>
	<b>ANEXO A - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O PROFESSOR LEO</b> .....	<b>58</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa origina-se, primeiramente, de um desejo por compreender o motivo de poucos homens serem docentes na educação infantil, dúvida que permeava meus pensamentos desde o início da graduação em pedagogia. Essa questão era, ora muito presente, ora naturalizada.

Na minha turma de ingresso, no ano de 2016, havia um total de 5 homens em uma turma de mais de 40 alunas e alunos. Alguns desistiram, outros escolheram (ou foram escolhidos?!) para trabalhar em outra área da pedagogia que não fosse a educação infantil. Em conversa informal com eles, ficou claro, para mim, que os alunos que eles viessem a ter deveriam cumprir alguns requisitos: poder conversar com eles na mesma linguagem; brincar de futebol e correr. Outros e outras confessaram, para mim, que iriam se sentir muito frustrados se tivessem se formado para trocar fraldas, um discurso presente também entre estudantes do sexo feminino. No entanto, um deles estava destoante nessas conversas, já trabalhando em creche, e me lançou uma pergunta que muito me afetou: “o que significa ser homem trabalhando em um lugar que se diz maternal?”, a partir desta pergunta, surge um interesse de pesquisa. Na literatura sobre homens na educação infantil (SILVA, 2014; SAYÃO, 2005; RAMOS, 2013) fica marcada que a presença do homem é de uma figura estrangeira, inesperada e, por vezes, não é bem-vinda. Assim, todos os discursos traziam a ideia de que o trabalho de homens na educação infantil é repleto de conflitos e insatisfações. Em vista disso, buscamos<sup>1</sup> conhecer um professor que tivesse escolhido em seu ofício a docência na educação infantil.

Existe uma história, pouco e mal contada, referente ao contato dos homens com as crianças e bebês. O século XVIII trouxe, por meio de um projeto sanitário, o sentimento de infância, marcado pela tutela e categorização do que é ser criança (ARIÈS, 1986). As crianças foram sistematicamente enclausuradas em casa junto às suas mães, enquanto os pais passavam boa parte de seu tempo fora de casa à trabalho. Esse modelo familiar, também, é fruto de um processo histórico com fins próprios de organização econômica da sociedade, e de estratégias articuladas para

---

<sup>1</sup> O uso da primeira pessoa do plural refere-se a todo trabalho realizado pelo autor e sua respectiva orientadora.

controle da vida civil (DONZELOT, 1986). Assim, são diversos os elementos que vetorizaram, ao longo de um processo histórico, a posição do homem para o âmbito extrafamiliar e que inibiram um trabalho afetivo dos homens em relação às crianças e bebês. E, do mesmo modo que foram encontrados entraves históricos e culturais em relação aos homens na educação infantil, encontramos também conflitos, de ordem semelhante, em relação à paternidade.

Para compreender permanências e mudanças em torno dos homens em contato com a infância, realizamos duas pesquisas de campo: uma em creche e outra em ambiente domiciliar de um pai homossexual por via adotiva recentemente divorciado, que compartilha sua casa somente com seu filho. A discussão sobre masculinidades é atravessada por várias dimensões da vida cotidiana, em especial, estas dimensões têm um papel importante na produção da masculinidade - a vida familiar e a vida profissional. O trabalho nos mostra como a identidade é produzida tanto no ambiente profissional quanto nas relações familiares na produção da identidade de gênero.

Em relação ao professor, objetivamos perceber suas aspirações de carreira; a condição social do homem na educação infantil e as relações que se estabelecem com os bebês, a gestão e as monitoras quando é um homem docente responsável por uma turma de berçário. Este tema ganha projeção na sociedade a partir do PL 1.174/2019 apresentado na ALESP, visando determinar o trabalho com bebês em instituições de educação infantil como exclusivamente feminino, proibindo a alocação de profissionais homens para atuar nos cuidados íntimos dos bebês. A pesquisa junto a esse professor de berçário permite também percebermos as movimentações em torno desse projeto de lei - e as relações que se estabelecem na unidade escolar, na relação com os educandos, a gestão e a família.

Em relação ao pai, analisamos discursos trazidos através de suas narrativas no que tange às expectativas da sociedade em relação a ser um pai, os processos de adoção, e relações que se estabeleceram com seu filho.

A partir dos temas supracitados, o trabalho dialoga com a perspectiva de que as crianças têm, também, agência na construção da masculinidade e da paternidade, portanto, nas palavras de Sirota (2001, p.28), "Trata-se de compreender aquilo que a criança faz de si e aquilo que se faz dela, e não simplesmente aquilo que as instituições inventam para ela", estendendo, também, este pensamento para os bebês, de modo que, quando tratamos da relação homem-

criança, não se trata de uma relação verticalizada em que homem socializa criança, mas de uma relação mútua de afetos entre eles. O objetivo desta pesquisa é discutir como a relação com as crianças têm um papel importante na constituição da identidade de gênero e isso se manifesta na relação profissional e, por outro lado, nas relações familiares. As profissões são organizadas de tal modo que, quem se relaciona com as crianças são mulheres e nas famílias quem se relaciona com as crianças são as mulheres. Esta relação com a criança e com os bebês têm potência para produzir identidades masculinas dissidentes, na medida em que este encontro novo se estabelece.

## **2 A PESQUISA**

Nesta pesquisa utilizamos a metodologia de pesquisa bibliográfica, em que escolhemos os descritores “parenting”, “nurturing” e “fathering” a serem pesquisados no Google Acadêmico, com um total de aproximadamente 2 milhões e 500 mil resultados, em que escolhemos 20 artigos a serem lidos, de acordo com a afinidade da temática da pesquisa.

Após a sistematização daquilo que era relevante para pesquisa, pesquisamos artigos e pesquisas sobre “homens na educação infantil”, “homens nos estudos de gênero” e “masculinidades” a fim de trazer elementos para discussão a partir dos estudos de gênero, os estudos da infância e aquilo que se faz na intersecção entre eles.

### **2.1 Pesquisa de campo**

A fim de conhecermos um homem na educação infantil, procuramos entre os professores e alunos da Faculdade de Educação da Unicamp, aqueles que melhor se aproximassem do perfil de um professor na educação infantil. Encontramos alguns, poucos, e escolhemos o professor Leo devido a proximidade, por trabalhar na rede municipal de Campinas e estar trabalhando há um tempo considerável (pouco mais de 10 anos) com bebês, o que, dentro das possibilidades de trabalho na educação infantil, é a que menos encontramos homens trabalhando.

A creche em que este professor trabalha ficava em uma zona de classe média da região de Campinas, em que eram necessárias duas conduções de ônibus saindo das proximidades da Unicamp para chegar lá. Por conta disso, combinamos de realizar os períodos de observação na sexta-feira, dia que era de maior facilidade para mim, e que o professor possuía, periodicamente, reuniões com familiares. Desde agosto de 2019 até meados de dezembro deste mesmo ano, realizei minhas observações nesta creche, anotando alguns pontos relevantes da minha percepção em um diário de campo, e formulando perguntas para a posterior entrevista a ser realizada<sup>2</sup>.

Durante este período, também gravei algumas cenas e tirei fotografias. Para que isso pudesse ser divulgado em um projeto maior<sup>3</sup>, e obtivessem autorização das famílias em relação às informações dos seus respectivos bebês, escrevemos um TCLE específico para esta pesquisa de campo. Obtivemos 15 assinaturas, com apenas 1 família se declarando contra a participação de seu bebê na pesquisa e cerca de 12 abstenções. Algumas famílias deixavam seus bebês por um período integral na creche, e vinham buscar apenas no período da tarde, o qual, eu não estava, por conta disso, não consegui ter contato com estas famílias. Das famílias que participaram na pesquisa, apenas uma delas se mostrou interessado em compreender as nuances da pesquisa, porém com todas as famílias foi explicado de que modo e em que plataformas seriam divulgadas as imagens dos bebês.

A turma da creche contava com 3 ou 4 monitoras, sendo 3 fixas e 1 volante<sup>4</sup>. Elas foram compreensivas com as necessidades das pesquisas, mas não se mostraram muito interessadas na temática da pesquisa.

A gestão da escola era composta por uma coordenadora pedagógica, uma orientadora pedagógica e um diretor escolar. Havia um atrito na relação entre as professoras e as monitoras com o diretor da escola, que no mesmo ano, mudou de unidade. Por vezes, era difícil obter uma resposta a respeito da formalização da

---

<sup>2</sup> Roteiro de entrevista disponível em ANEXO A. Maior aprofundamento nas questões trazidas aqui no capítulo “O papel da profissão na construção da masculinidade”.

<sup>3</sup> Esta pesquisa se insere no Projeto FAPESP de Auxílio à Pesquisa Regular nº 15/10731-8, “Os bebês e os processos de individuação, subjetivação e singularização vividos por eles em distintos espaços” Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/auxilios/101647/os-bebes-e-os-processos-de-individuacao-subjetivacao-e-singularizacao-vividos-por-eles-em-distintos/>

<sup>4</sup> O termo “volante” na educação infantil é utilizado para designar um profissional temporário ou rotativo, que fica um dia em cada unidade, ou um dia em cada sala de uma unidade.

pesquisa (inscrição da creche no projeto da FAPESP, resposta de e-mails, e assinaturas nos TCLEs).

Na estruturação da entrevista, me reuni junto a minha orientadora para elaborar um roteiro de perguntas, com esta entrevista, buscou-se evidenciar a perspectiva do homem a respeito das questões que se apresentam na educação infantil.

Para entrevistar o pai da família Amor, foi realizada também uma pesquisa de campo com anotações em diário, dentro da casa desta família, durante 1 semana no início de janeiro de 2020. O pai trabalha em um colégio do Rio de Janeiro, na parte administrativa da educação infantil, e eu o conheci em um congresso que lhe oportunizou conhecer um pouco de minha pesquisa e por conta disso, combinamos de realizar este encontro na sua residência durante 1 semana, em que eu expliquei um pouco da minha pesquisa na escola em que ele trabalha e acompanhei sua rotina com o filho Amor. Também foi entregue um TCLE, em que ele se disponibilizou a participar da pesquisa, mas ainda não poderia utilizar imagens de seu filho, pois seu processo de adoção ainda não estava completo juridicamente, então, não era considerado, nos termos da lei, o responsável legal pelo bebê.

Foram realizadas algumas perguntas por e-mail, de acordo com as reflexões e questões que surgiam, com a chegada da pandemia mais perguntas surgiram com novas questões para a pesquisa. O diálogo por e-mails foi uma forma facilitada e que permitia sistematização da pesquisa, ainda tendo em vista, as medidas sanitárias necessárias durante a pandemia do coronavírus.

De um modo geral, o projeto desta pesquisa se estruturou desta forma. De agora em diante, o trabalho se dedica à análise dos dados trazidos em diálogo com a bibliografia pesquisada.

### **3 UMA BREVE CONSTRUÇÃO DE GÊNERO**

O termo masculinidade é recente nos estudos de gênero. Para entender o apagamento da centralidade dos homens neste campo de estudos, faz-se necessário uma análise histórica e política do contexto de surgimento dos estudos de gênero.

O filósofo Protágoras de Abdera (490 a.C. - 415 a.C.) parece ter sido o primeiro a designar o que é gênero, no campo da gramática. Já naquela época havia três possibilidades de gênero: masculino, feminino e neutro. Para ele, a determinação de um gênero ocorre de forma arbitrária, sem qualquer relação com a essência do significante. Com a chegada do romantismo, em grande parte das sociedades que utilizavam a língua derivada do latim, o gênero adquire um enfoque para os seres animados, de modo a trazer as suas dualidades vinculadas: homem-mulher, dor-prazer, razão-emoção, etc.

No entanto, tais disposições criaram uma hierarquia de gênero, em que o masculino é predominante sobre o feminino, de tal modo que o feminino é eclipsado sistematicamente por conta de uma dinâmica social que se dá em torno do lugar da mulher em relação ao homem. Bodine (1975) disserta que o masculino genérico é empregado na gramática por conta de um histórico em que a mulher não possuía os mesmos direitos civis que os homens, assim, o casamento do século XIX servia para adquirir um status maior (em relação a uma mulher solteira), mas ainda menor que do homem, na sociedade, para isso o sobrenome do marido incorporava o nome completo dela, mas o contrário não acontecia, pois, deste ponto de vista, a mulher é um elemento agregado ao homem, mas o homem não é agregado a ela. De tal modo, o masculino não apenas se apresenta como genérico, mas universal: os livros dizem sobre “a história dos homens” que, na verdade, representa a história da humanidade. Antes de ebulições em torno da emancipação feminina, o que havia era uma história única, narrada por homens que diziam estar contando a história de toda uma humanidade<sup>5</sup>. Visto em diversos contextos, a misoginia e o patriarcado são estruturas das culturas ocidentais (hooks, 2018; SCOTT, 1995).

O patriarcado é uma estrutura da sociedade que vetoriza comportamentos, pensamentos e ações de homens e mulheres. Pesquisadores da cultura material compreendem a dialética de tal modo que “significa reconhecer que um processo contínuo pelo qual o significado é dado às coisas é o mesmo processo pelo qual o significado é dado às vidas” (MILLER, 1994, p. 415 apud DRAMALI e KARAM, 2017, p. 9).

---

<sup>5</sup> A fim de compreender os perigos de uma história única, ver “O perigo de uma história única”, de Chimamanda Ngozi Adichie, disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg&ab\\_channel=TED](https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg&ab_channel=TED)

A misoginia é o ódio e repulsa ao feminino. Nos estudos sobre masculinidades, percebeu-se que, a misoginia é também uma faceta da homofobia, uma vez que o homem que se aproxima do que, culturalmente, se entende como feminino é um “afeminado”, termo utilizado de forma pejorativa para invalidar a masculinidade de um homem. Mais adiante teremos discussões a respeito desse termo.

No entanto, as novas mudanças em torno da sociedade, sobretudo em relação ao trabalho, tensionam relações entre homens e mulheres, de modo a produzir novas condições e novas categorias. Assim, a opressão dos homens sobre as mulheres qualifica um dos componentes de análise, mas se mostra insuficiente para abarcar todo o emaranhado em torno da categoria gênero.

Gênero, enquanto uma categoria de análise e campo de estudos surge a partir de mulheres feministas que objetivavam desmistificar naturalizações a respeito da mulher. Após movimentações em torno do sufrágio feminino, houve alguns expoentes no que tange às perspectivas para os estudos de gênero. Em 1956, Madge Dawson - uma feminista australiana - trouxe à Universidade de Sidney, estudos sobre a mulher em um contexto de grandes transformações sociais, sendo uma das primeiras a compilar informações a respeito da situação econômica, social e política das mulheres no oeste europeu. No entanto, o que a literatura - sobretudo da história europeia e estadunidense - nos mostra é que apenas na década de 70, com a explosão do feminismo, que o campo adquire capilaridade social e acadêmica, sob aporte da antropologia e da história das mentalidades, e sobretudo a partir do engajamento de mulheres na luta por narrar uma nova perspectiva histórica. Assim, a história dos estudos de gênero está, em um primeiro momento, terminantemente conectada a história dos estudos das mulheres. E, mais que uma corrente de pensamento, é uma busca pela emancipação das mulheres, até então, cisgênero. Nesse sentido, o apagamento da construção social em torno do homem neste campo de estudos era necessário “ao menos num primeiro momento, dada nossa experiência cotidiana [das mulheres] com a dominação masculina.” (GIFFIN, 2005, p. 48).

### **3. 1 O constructo da família**

A sociedade francesa do século XVIII estava enfrentando diversas crises, dentre elas uma crise relacionada a moralidade. Homens promíscuos e violentos, mulheres abandonando seus filhos, recorrendo a prostituição e destoantes da ascensão social dos homens ilustram o cenário crítico. Nesse contexto, o Estado busca tomar medidas a fim de controlar os cidadãos, de modo a retirar homens do cabaré e mulheres de conventos. (DONZELOT, 1986)

A época ainda é marcada também em relação ao pensamento sobre o corpo humano: a medicina redireciona o funcionamento da alma, se antes dele poderíamos conceber alma como aquela substância do ser capaz de purificar o corpo, agora ela é “intimidada a dar contas da imperfeição dos corpos e das condutas, a dedicar-se a geri-los por meio de uma saudável regulação dos fluxos” (Idem, p. 20), ou seja, corpo e alma são características que não se encerram entre si.

A economia do corpo<sup>6</sup> e a economia social<sup>7</sup> apresentam correspondências que não são espontâneas, se trata de entender que o trabalho aos quais os pobres se submetem são formativos na economia corpórea desses indivíduos, enquanto a relação entre corpo e social nos ricos se dão muito mais por padrões estéticos em vez de trabalho. Atualmente, há outro fator que precisamos pensar: o gênero. As mulheres estão muito mais carregadas de padrões estéticos que os homens, sobretudo por pressão de mídias audiovisuais. Desde a tenra idade, as meninas são estimuladas a submeter seu corpo sobre validação pública, frases como “estou bonita?” “Qual vestido eu uso?” “Minha família não deixaria eu sair desse jeito” são reflexos da perpetuação desse modo de pensarmos o corpo feminino.

Na transição do Século XVIII para o XIX a medicina reorganiza o status social que a mulher ocupa. Se, anteriormente a este período, a mulher burguesa era submetida à autoridade paterna assim como a criança, essa estrutura é tensionada, e aos poucos transformada, uma vez que se torna proveitosa às mulheres educar os filhos para a obediência materna (ibidem, p.24).

O casamento traz avanços para a educação das crianças, uma vez que o desenvolvimento e envolvimento afetivo são tidos como políticas de Estado, “[...] esses pais e mães casados constituem uma família, isto é, um centro onde os filhos

---

<sup>6</sup> Concepção que busca refletir o corpo para além do princípio do prazer. Como as produções sociais organizam e engendram expressões sobre o corpo.

<sup>7</sup>1. Reúne as atividades econômicas destinadas aos marginalizados, como a filantropia.

2. A administração pública como enfoque da economia.

são alimentados, vestidos e protegidos, mandam-nos à escola e os colocam em aprendizados”<sup>8</sup> (Donzelot, 1986, p. 36). O Estado passa a intervir na vida conjugal a fim de reduzir os gastos com polícia, pois concebia-se o crime relacionado às pessoas sem família ou sem alguma responsabilidade matrimonial. O casamento se dá na relação contratual, inicialmente funcionava da seguinte maneira: a mulher dava um dote ao pretendente a fim de garantir sua posição na família, ou seja, quanto mais dinheiro dado melhor seria sua posição ocupada, em relação aos cuidados dos filhos, dos afazeres domésticos e da lealdade de seu marido. As mulheres que não podiam dar nenhum dote ficavam à mercê de sua família ou iam aos conventos. Posteriormente, podemos ver que é a mulher que sustenta, em termos de valor simbólico, majoritariamente a família, para isso são produzidos socialmente o ensino doméstico, a criação de carreiras específicas para mulheres que de preferência possa ser conciliada com a vida doméstica e, portanto, produza práticas de trabalho distintos para homens e mulheres.

Os efeitos dessas produções sociais são evidentes, enquanto antigamente a mulher concorria com o homem e a criança com a mulher, família era mal valorada, a partir dessa nova dinâmica a mulher zela pela carreira do homem e o homem busca através da promoção no trabalho, a ascensão para transformar o lar, a mulher se abstém do convento e o homem se desvincula da vida promíscua.

Com a criação desse modelo de família, a ascensão da infância e o movimento higienista, as casas também são recriadas, os espaços são separados entre os de adultos e os infantis, cria-se os quartos dos pais e dos filhos, a fim de garantir certa vigilância sobre os filhos, sem perder a intimidade do casal. O espaço é objeto de análise na obra de Donzelot (1986) e exerce a função de vigilância, necessidade adquirida na medida que a concepção sobre a infância cresce.

O Estado não foi o único a interferir na família. Filantropos encontraram nas famílias pobres uma forma de coerção de sua condição. Se no antigo regime o Estado reprimia as manifestações à esquerda do governo, agora com ajuda dos filantropos o controle é tal que não há rebelião, desloca a classe operária da dependência vigilante à influência legítima. (idem, p. 64)

---

<sup>8</sup> Resolução da Academia das Ciências Morais e Políticas publicada em *Annales de la charité*, tomo II, 1847.

O que é produtivo e reverenciado, nos sistemas econômicos ocidentais, são trabalhos para além da casa. Aquilo que se produz enquanto trabalho doméstico e possíveis agregações (cuidar de um filho ou de um parente, costurar roupas, cozinhar, etc.) são de menor valor social. Para que essa estratificação se configure enquanto um sistema orgânico e, de certo modo, estável<sup>9</sup>, diversos discursos e práticas foram vetorizados às mulheres. O mito do amor materno foi uma delas.

Badinter (1991) pontua que nem sempre a mãe amamentou seu filho. Antes do século XVIII, as mães de classe média e alta compravam nutrizes - popularmente conhecidas como amas de leite - responsáveis por cuidados e amamentação dos filhos. Tal configuração acontecia, pois havia histórias de mulheres que ficaram mais fracas ou feias após amamentar, além de conselhos médicos de que a amamentação constituía perda significativa de nutrientes para o corpo feminino e certamente implicaria uma menor disponibilidade da mulher aos desejos do marido. Além disso, cabe ressaltar que, até o século XVIII não tínhamos o que se denomina sentimento de infância. O repúdio ou a indiferença pelas crianças é descrito por Ariès em sua obra clássica, e também por Badinter e Donzelot. A fim de reforçar tal ideia, Badinter nos apresenta o modo como a infância era percebida, por exemplo, por Santo Agostinho: (...) “para Santo Agostinho, a infância é o mais forte testemunho de uma condenação lançada contra a totalidade dos homens, pois ela evidencia como a natureza humana corrompida se precipita para o mal”. (BADINTER, 1991, pp. 53-53). É a partir da constatação desse tipo de percepção das crianças que Ariès (1986) afirma que a infância, tal como a concebemos hoje é um sentimento moderno que nem sempre existiu.

### **3.2 A questão da identidade de gênero**

Nos anos 80, Joan Scott (1995) traz o gênero para os estudos de identidade. Ela percebeu que, ao longo de toda civilização ocidental, a identidade de alguém constitui primeiramente um gênero. É impossível ser alguém e não possuir um gênero, é pelo próprio gênero que se designa a pessoa - “um homem ou uma

---

<sup>9</sup> Até então, não havia emergido na Europa, o que se denomina “crise do cuidado”, em que se carece de trabalho de reprodução social, sobretudo na educação de crianças pequenas, idosos e de afazeres domésticos. Isso se deu por conta da precariedade e não reconhecimento deste tipo de trabalho, resultando em escassez de profissionais em alguns países deste continente (DURAN, 2018, p. 90).

mulher”. Portanto, para identificar uma pessoa, buscam-se traços e adereços que, entendidos na norma cultural, representam uma mulher ou um homem. Nessa perspectiva, gênero engloba as relações que se estabelecem entre homens e mulheres atravessadas por suas expressões, comportamentos e signos próprios (ou impróprios) de um determinado gênero.

A identidade masculina é uma faca de dois gumes: ao mesmo tempo que se constitui como a mais privilegiada dentre todas as identidades de gênero. É adquirida a um alto preço, podendo ser danosa ao próprio homem (BADINTER, 1993, p. 91). Em outras palavras, ela exige sacrificar sentimentos e desejos.

O fim da simbiose mãe-filho parece ser um dos marcos da constituição do homem que deixa de ser menino. Em algumas comunidades - baLeoa, bimin-kuskusmin, sambia, busama - existe um ritual de iniciação da virilidade que marca um período de transição identitária desse sujeito adolescente que não é nem menino e nem homem. Grande parte desses rituais consistem em se descarregar de substâncias femininas, sobretudo às marcas da mãe ainda existentes neles (Idem, p. 97).

No entanto, nem sempre a aproximação da feminidade no homem foi entendida como homossexualidade. Muito pelo contrário, o fenômeno de pedagogia [da virilidade pela via] homossexual da Grécia antiga aponta para uma cultura possível de rechaço ao feminino ao unir-se, aprender e encerrar-se entre homens (Ibidem, p. 101). Apesar da homossexualidade ser contra hegemônica atualmente, o projeto de masculinidade e virilidade aqui citado diz respeito ao Homem, ser único possível de existência plena naquela sociedade, ou seja, trata-se de uma masculinidade unívoca.

O masculino e o feminino são categorias que coexistem em cada pessoa, de maneira que um homem pode sentir-se mais feminino que masculino e uma mulher poder sentir-se mais masculina que feminina, como sugere Norma Fuller: “A identidade de gênero corresponde ao sentimento de pertencer à categoria feminina ou masculina<sup>10</sup>” (FULLER, 1997, p. 139, tradução livre).

Na década de 70, alguns homens, principalmente gays e *hippies*, também se organizaram em um movimento de contracultura a fim de repudiar o estabelecido

---

<sup>10</sup> La identidad de género corresponde al sentimiento de pertenencia a la categoría femenina o masculina

complexo militar-industrial, marcado por uma produção cultural de masculinidade embrutecida. Com a chegada dos estudos gays, estudiosos evidenciaram a heterossexualidade compulsória, a patologização da homossexualidade, a ideologia imperativa binária de gênero e a contrapartida da masculinidade hegemônica nas masculinidades dissidentes. Foram criados grupos de homens, nas universidades, por iniciativa própria, a fim de discutir o impacto do homem no patriarcado e os sentidos da dominação masculina. Segundo alguns relatos, havia um sentimento de culpa muito presente, e o grupo não era unívoco, marcado por discordância entre os membros. A questão do privilégio masculino fica evidenciada, pelos estudos gays e subsequentes, como originária do mesmo sistema que oprime e submete corpos a trabalhos exaustivos. Assim, existe concomitantemente, uma violência de homens contra homens, homens contra mulheres e de homens contra si mesmo (GIFFIN, 2005, p. 49-50).

Tendo em vista o acúmulo em torno da categoria gênero em relação ao debate sobre masculinidade, bem como as críticas e propostas de reconceituação em torno do termo masculinidade hegemônica, apresenta-se uma crise em torno do debate do que é ser homem. O ritual de afirmação da masculinidade não é a simples assunção do masculino e a negação do feminino, mas uma constante performance de heterossexualidade compulsória e de suposta autossuficiência adquirida no trabalho.

No entanto, a figura da mulher e de toda categoria do trabalho reprodutivo bem ilustra o fracasso do nosso modelo de sociedade em que existe uma tessitura que atravessa a todos sujeitos nessa sociedade e que há sempre uma a serviço de outrem, muitas vezes invisível, em todas as atividades humanas. A condição de indivíduo não foi oportunizada à mulher, no sentido radical da palavra. Durante muito tempo, a mulher foi algo que, em um processo simbiótico, dá significado a esse outro e ao fazê-lo significa a si mesma - a mãe, a esposa, a secretária, a cozinheira, entre outras. Mãe e indivíduo são palavras antagônicas (DURAN, 2018). Nesse sentido, a mãe é, na verdade, uma palavra que se refere a uma relação triangular: mãe-pai-filho (Badinter, 1993). O processo simbiótico, no entanto, não parece ter efeito igual ou semelhante em relação ao pai. A história da psicanálise aprofunda-se mais nessas questões, como nos mostram Badinter (1991;1993), Aitken (2016) e Alkolombre (2015), mas em linhas gerais, a palavra pai (ou figura paterna) adquire, na literatura psicanalítica, representação exclusivamente simbólica. A problemática

desta representação é de que esta teoria ignorou os efeitos psíquicos a respeito da negligência e o abandono paterno<sup>11</sup>.

O símbolo referido é de cisão, de prevenção ao cuidado demasiado, tal que poderia ocorrer quando o próprio pai resolvesse cuidar também de seu filho, por muito tempo, esse foi o único papel atribuído ao pai. O homem é, segundo a corrente existencialista, o fim último do sentido para sua existência. Ele está do outro lado enquanto um receptor de todo esse trabalho, junto com outras mulheres de classe alta e média. A faxineira em casa, por exemplo, é uma mulher que trabalha para uma família, geralmente sob supervisão de outra mulher.

No século XXI pode-se dizer que para que haja um trabalhador totalmente incorporado ao mercado e livre de qualquer fardo doméstico, é preciso haver várias pessoas que cuidam do outro ao longo de seu ciclo de vida. (DURAN, 2018, p. 88, tradução livre)<sup>12</sup>

Contudo, a relação não é tão simples assim - homens (e algumas mulheres) exploradores versus mulheres exploradas. A expansão dos estudos da masculinidade<sup>13</sup>, o avanço do sufrágio feminino e a negação de uma identidade feminina tradicional criaram uma crise na masculinidade (BADINTER, 1993, p.25). Em outras palavras, a masculinidade que, em um primeiro momento, aparenta ser encerrada em si mesma, se mostrou totalmente reativa e relativa ao feminino. Um “ser homem” só passa a existir quando existe um “não ser mulher”. Assim, os estudos de gênero tangenciados pelos estudos de masculinidade, só existem na intersecção das relações que se estabelecem entre o feminino e o masculino, “segundo esta visão [do termo gênero], as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e não se poderia compreender qualquer um dos sexos por meio de um estudo inteiramente separado” (SCOTT, 1995, p. 72).

---

<sup>11</sup> Para maiores aprofundamentos destas questões, ver Badinter (1991), sobretudo no capítulo III, subcapítulo 2 - “O discurso médico herdado de Freud”.

<sup>12</sup> Sin embargo, en el siglo XXI puede decirse que para que exista un trabajador incorporado plenamente al mercado y liberado de cualquier carga doméstica, tiene que haber varias personas que asuman el cuidado de otros a lo largo de todo su ciclo vital.

<sup>13</sup> O termo aqui é empregado no singular propositalmente. No decorrer do texto, será feita uma discussão em torno da pluralidade de masculinidades. No entanto, neste momento, grande parte dos estudos se concentravam em compreender o papel do masculino enquanto entidade simbólica na formação do patriarcado. Ainda assim, existem trabalhos que evidenciam a disputa em torno do masculino, inclusive para pluralizá-lo, vide Giffin (2005).

Oriundos destes estudos e de outros mais, Raewyn<sup>14</sup> Connell e James Messerschmidt (2013) discutem o conceito de masculinidade hegemônica. É um termo que sofre mudanças ao longo das discussões de gênero. Inicialmente diz respeito a uma certa toxicidade da masculinidade contra os homens, mas também de um poder quase que absoluto de subordinação das mulheres.

Parte da subjugação feminina se explica pela religião. A masculinidade dentro das religiões judaico-cristãs não pode ser questionada, uma vez que ela representa a verdade e a moral universal - é o pai que oportuniza a visão de mundo (em contraposição a visão de si mesmo) ao filho. No entanto, na perspectiva dessas religiões o homem tem de ser representante fiel da espécie, macho, e qualquer desvio de orientação sexual é considerado um pecado capital (BRITO e PAULA, 2013, p. 183). Assim, a masculinidade não atua somente na formação de condutas e comportamentos, mas, sobretudo, enquanto uma ideologia. Ela se retroalimenta a partir da feminilidade, mais especificamente, da dominação da feminilidade. (Idem, p. 185). Nesse sentido, os pesquisadores supracitados percebem que a masculinidade brasileira é fortemente atravessada por religiões de origem judaico e cristã e estabelece o gênero masculino como responsável pela regulação moral, emocional e comportamental dos diversos gêneros.

No entanto, algumas críticas surgem, justamente porque ao dizer que todas as mulheres estão em uma camada da sociedade inferior aos homens podem acabar reforçando o binarismo. Além disso, o termo “masculinidade hegemônica”, por muitas vezes, compreende o homem como um todo negativo, de modo que, determinadas atitudes e comportamentos positivos - de modo geral, que apresentam bom grado às pessoas - por parte dos homens são excluídos, isto é, o homem se torna uma categoria univocamente simbólica, em vista disso seus elementos materiais e de agência são apagados.

De modo geral, a veiculação do termo masculinidade hegemônica nos escritos acadêmicos, bem como o de “masculinidade tóxica” repercutido pela internet<sup>15</sup>, representam uma possibilidade, mas não a totalidade em torno desta

---

<sup>14</sup> O artigo inicialmente foi publicado antes de sua transição de gênero, com um nome masculino, porém o nome atual é este mesmo.

<sup>15</sup> O dicionário Oxford elegeu a palavra “tóxico” como a palavra do ano em 2018. Ela foi buscada várias vezes procedida da palavra “masculinidade”. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2018/11/toxico-e-palavra-do-ano-eleita-pelo-dicionario-oxford.html>>

categoria. Por isso, veremos que homens na educação infantil e na paternidade a partir de uma relação singular com a infância e do encontro efetivo e afetuoso com bebês e crianças podem produzir formas masculinas distintas à norma.

### **3.3 Masculinidades dissidentes**

Ninguém é um completo espelho da sociedade e ninguém é estático como uma estrutura. Nesse sentido, o homem enquanto um sujeito em construção tem a potência de diversificar e transgredir a norma e, dessa forma, distinguir-se das estruturas que sustentam a masculinidade. É importante pensar que a masculinidade concebida enquanto um constructo social, possui elementos de negociação com o feminino, o masculino, a infância e o que vier a compor essa identidade. Assim, coexistem, junto com a normativa prescritiva de masculinidade tóxica, caminhos que possibilitam novas significações de “ser homem”.

Badinter (1993, pp. 198-199) ao estudar os elementos sociais e históricos que constroem a masculinidade europeia, concebe um homem, ainda em estado de maturação, saudável nas relações que estabelece, trata-se de um homem reconciliado com o feminino. O termo diz respeito a um homem que percorreu em sua trajetória pessoal (o homem material) e histórica (homem simbólico) por conflitos em relação ao feminino, mas que percebe e constrói elementos de feminilidade em sua identidade e reinventa uma masculinidade fluída apartada de um “todo-masculino”. Esse tipo de movimento atitudinal em torno do homem é parte estruturante de uma política feminista, em que “é necessário transformar o inimigo interno antes que possamos confrontar o inimigo externo. O pensamento e o comportamento sexistas são as ameaças, os inimigos”. (hooks, 2018, p. 29)

Ainda em hooks (idem) aponta uma outra direção na construção de uma masculinidade saudável, ao dizer que a masculinidade não precisa ser feminina para romper com a masculinidade patriarcal. Um homem reconciliado representa um avanço para um mundo antissexista, mas a simples mudança atitudinal não o desvincula dos privilégios estruturantes do patriarcado. Assim, o machismo estrutural ainda seria um ponto de desigualdade de gênero, portanto, as mulheres ainda seriam exploradas e oprimidas. Nesse sentido, bell hooks traz uma questão um tanto

polêmica: ação feminista não apenas para, mas também por homens (e também por mulheres),

Conscientização feminista para homens é tão essencial para o movimento revolucionário quanto os grupos para mulheres. Se tivesse havido ênfase em grupos para homens, que ensinassem garotos e homens sobre o que é sexismo e como ele pode ser transformado, teria sido impossível para a mídia de massa desenhar o movimento como sendo anti-homem. Teria também prevenido a formação de um movimento antifeminista de homens. (p. 28)

No sentido que bell hooks propõe, existe um objetivo compartilhado por homens e mulheres: o combate ao sexismo, de modo que, o problema central não são as identidades produzidas pela norma, mas a própria norma em si. O feminismo supracitado envereda masculinidades que são reflexivas sobre si mesmas e que combatem as estruturas de poder de gênero - o sexismo já descrito, o patriarcado e a misoginia. Assim, por um lado, existe um exercício de desmistificação do feminismo como um movimento de “mulheres que odeiam homens”, e por outro lado, de compreensão dos entraves em torno das masculinidades como também uma pauta feminista.

As proposições de bell hooks trazem a emergência de uma masculinidade feminista, mas também indagações a respeito do modo como ela se daria. “Como você pode se tornar o que você não consegue imaginar?” (Ibidem, p. 81). Novas masculinidades estão surgindo e é sobre elas que iremos dedicar nossa escrita de agora em diante.

## **4 O PAPEL DA PROFISSÃO NA CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE**

A educação é um campo de disputa de gêneros. Podem dizer que ela é feminina por sua maioria de componentes das práticas escolares, como também é plausível apontar que ela é masculina, pois sua produção de métodos e teorias são, historicamente, do ponto de vista de homens (LOURO, 2003).

O magistério, antes do século XIX, possuía atividades e expectativas distintas entre homens e mulheres. Isto porque, a escola também era dividida entre meninos e meninas, com tarefas tipificadas por gêneros (meninas na costura e meninos nas atividades físicas, por exemplo). O modelo de escola que conhecemos hoje em dia é

o da *escola mista*, sem divisão de tarefas por gênero, mas que ainda perpetua algumas práticas sexistas como a imputação à mulher das atividades de cuidados de crianças e bebês.

O ambiente da educação infantil é, como dito anteriormente, compreendido por muitos como um lugar “maternal”. De este modo, a mulher tinha que se adaptar a um novo modelo de divisão sexual do trabalho capitalista, em que precisava conciliar sua “verdadeira carreira” - a maternidade - com um trabalho. O trabalho em creches se apresentou como uma possibilidade, dado que não se configurava como um desvio, mas uma extensão do trabalho maternal, pois exigiria de sua prática, o amor, a sensibilidade e o cuidado também necessários à maternidade (idem, p. 96). Assim, a história das creches no Brasil está intrinsecamente ligada à história da maternidade.

A creche é gestada nas lutas feministas pelos direitos das mulheres mães trabalhadoras em ter onde deixar seus filhos durante o período de trabalho, é através da demanda e pressão delas que a creche pública passa a existir. (CERISARA, 1996, MIR, 2005). Contudo, tal luta por creches não compactuava com a essencialização feminina na docência da educação infantil, apesar de reconhecer um avanço na medida em que a mulher possuía renda própria. Pelo contrário, a luta por creches se fez pelo combate assíduo das naturalizações em torno da categoria mulher.

Na falta da mãe<sup>16</sup>, o discurso de psicólogos e médicos privilegiava uma mulher para substituí-la, a fim de que o filho pudesse projetar a figura materna nela, de algum modo. Em vista dessa projeção substitutiva da mãe nas e nos profissionais de creche, pesquisadores reivindicam o reconhecimento profissional da docência nesta etapa da educação básica (CERISARA, 1996; SAYÃO, 2005; SILVA, 2014;).

A educação infantil é lugar de cuidado, mas de um cuidado qualificado e atento para os processos educacionais dos educandos, de modo que, ao cuidar se percebe possibilidades de educar, e ao educar, cuida. Tornando, assim, o binômio cuidar-educar um processo único e indissociável (BRASIL, 2010).

Além do mais, a dicotomia entre o trabalho público (masculino) e o trabalho privado (feminino) produziu no gênero feminino as atividades relacionadas ao

---

<sup>16</sup> A necessidade da mãe ser a única e exclusiva responsável pelos cuidados dos seus filhos é uma temática aprofundada no capítulo “As relações familiares”.

cuidado - atividade, segundo um pensamento machista e capitalista, de ordem estritamente manual. O debate em torno da Sociologia de Gênero parece ter respostas também para a feminização docente na educação infantil. A docência é predominantemente feminina no Brasil e em diversos outros países (MONTEIRO e ALTMANN, 2014, p. 722). Em vista do capitalismo, o trabalho manual é visto como inferior, e em vista do machismo, o trabalho feminino é inferiorizado, tornando o trabalho na educação infantil que é um ambiente tipicamente feminino, duplamente desvalorizado.

Aos homens foram atribuídas determinadas responsabilidades, de um modo geral, à esfera pública, enquanto as mulheres pertenciam, enquanto constructo social, à esfera privada. No entanto, as responsabilidades dos homens possuíam maior reconhecimento social. Portanto, na formação do privilégio masculino, cabe entender a divisão sexual do trabalho, como afirmam Hirata e Kergoat,

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc. (2007, p. 599)

Assim, compreendendo que o cuidado foi historicamente dominado e que a divisão sexual do trabalho compreendia o cuidado, mesmo que na esfera extradomiciliar, com menor valor social, não existe um lugar pré-fixado social para o homem na educação infantil, este lugar vem sendo criado.

No entanto, nem sempre o “chão” da escola foi predominantemente feminino, alguns elementos da história da educação, ainda que sexistas, trazem referências masculinas. A escola brasileira tem origem nas missões jesuítas, constituídas por educação religiosa realizada por homens brancos europeus para os povos nativos,

Afeição e autoridade, bom senso, firmeza e bondade, piedade e saber profissional são algumas das qualidades que lhes são exigidas. Seu papel de educador combina o exercício de uma “paternidade, uma magistratura, um apostolado e uma luta” (assim determina, por exemplo, o *Guide des Écoles*, texto de orientação dos antigos mestres, maristas, ainda hoje em uso). Ainda que as modificações sociais que se seguem transformem, sem dúvida, essa representação de magistério, a referência parece ter permanecido. (LOURO, 2003, p. 93)

Outras evidências, por parte de alguns poucos homens na educação infantil trazem trajetórias desviantes, em que a educação de crianças pequenas pode ser compartilhada entre homens e mulheres, e que deste modo, algumas estruturas de gênero estão sendo tensionadas.

#### **4.1 A docência do professor Leo<sup>17</sup>**

Conheci o professor Leo por intermédio da minha orientadora enquanto realizava uma iniciação científica sobre a temática dos homens em contato com a infância.

Leo é um professor da educação infantil do município de Campinas que trabalha em uma CEI com bebês há mais de 10 anos. Ele se insere nos 2,3% de homens atuantes em creche na cidade. De acordo com dados do INEP em 2019 no município de Campinas eram 1365 professoras mulheres e 32 professores homens atuando na educação infantil com crianças de 0 a 3 anos<sup>18</sup>. A fim de compreender como o professor Leo trabalha e quais são as questões e considerações que se apresentam no momento de ingresso e permanência de um homem que cuida/educa de bebês, foram realizadas um conjunto de nove observações participantes, com registros em fotos, vídeos e diário de campo, além de uma entrevista semi-estruturada realizada fora de seu período de trabalho, sendo uma delas antes e a outra depois das observações feitas durante a pesquisa de campo.

No que se refere à primeira entrevista, ela foi dividida em dois blocos. O primeiro bloco de perguntas dizia respeito a perguntas genéricas sobre a situação de ser homem na educação infantil. No segundo bloco foram realizadas perguntas com percepções do pesquisador durante o período de imersão no campo de pesquisa. Nesta abordagem, a entrevista é semi-estruturada tendo em vista as possíveis intervenções a partir das reflexões que surgirem durante o momento de entrevista.

De acordo com o prof. Leo, o início da sua carreira na educação infantil aconteceu, não por uma escolha pessoal, mas pela abertura de um concurso público em um momento que o professor estava desempregado, pois havia se frustrado com

---

<sup>17</sup> Nome fictício.

<sup>18</sup> Dados da Sinopse Estatística do INEP de 2019.

a carreira anterior. Nesse sentido, o trabalho do professor Leo não se diferencia da maioria das professoras de educação infantil, em que trabalhar com isso não foi uma escolha inicial, mas uma escolha dentro do possível, ou uma escolha dentro da não escolha (KRAMER, GOULART, CORSINO, 2006).

Em vista da literatura a respeito dos homens na educação infantil (SAYÃO, 2005; SILVA, 2014; RAMOS, 2013), o professor em questão percebia que a relação com as famílias inicialmente era inusitada e também dificultosa, porque era a primeira vez que um homem estava compondo a equipe de profissionais,

das famílias eu sinto um certo estranhamento, as famílias falam: Achei que você não sabia lidar com as crianças, que você não ia dar conta, mas agora vejo como que elas gostam de você e como que o trabalho é bacana, então isso é bem comum de acontecer: a confissão do estranhamento.

(Entrevista)

Aqui acontece aquilo que Ramos (2013, p. 34) descreveu como estágio comprobatório. Todo docente no serviço público passa por um período probatório: uma avaliação a respeito das qualificações para assunção e permanência do cargo pleiteado. No entanto, os homens na educação infantil passam por uma avaliação subjetiva tangenciada pelo fato de ser homem. Esta avaliação acontece na esfera simbólica das relações que se estabelecem com a gestão das CEI e das famílias, pois, os homens neste período precisam legitimar seu lugar de docente nesta etapa da educação básica delegada às mulheres durante toda história. Assim, como também acontece no ambiente de trabalho,

O que mais me dói é quando eu percebo que essas dificuldades acontecem entre as minhas colegas de trabalho, muitas das quais com quem eu já trabalhei e convivi em algum ambiente durante alguns anos, mas, de vez em quando, eu escuto uma fala do tipo: “você não entende disso porque você não é mulher, porque você não é mãe”, em questões que não tem a ver... a sensibilidade, eu, de fato, não sou mulher, mas não é assim, não sou mulher, não sou mãe, nunca vou entender a partir desse ponto de vista, mas aí eu explico que algumas atitudes minhas não tem a ver com falta de sensibilidade ou com excesso de sensibilidade para alguma coisa, mas que tem a ver com as coisas que eu já estudei e que eu estudo bastante e da minha própria experiência do trabalho. (Entrevista)

A estigmatização do homem como alguém incapaz de cuidar e de ser sensível advém da mesma questão: a feminização do cuidado e o sexismo na educação infantil.

No processo de escrita do título deste capítulo pensei em “a presença masculina na educação infantil”, no entanto, às vezes, se fazem presentes algumas figuras masculinas na educação infantil - de pais, na direção, na segurança. Mas o homem professor não é uma figura presente, ele é um estrangeiro (JANEI e MACHADO, 2020). E como estrangeiro, tem um estranhamento por parte da gestão da escola, das famílias e das outras profissionais que compõem a instituição:

Aconteceu algumas vezes, de diretores e gestores dizerem assim: “eu não quis perturbar você, mas tal família me procurou no começo do ano, por ser um homem que estava responsável por cuidar da criança dele, e eu expliquei que tanto faz ser um homem ou uma mulher o trabalho vai ser o mesmo” Isso já aconteceu umas 3 vezes, de chegar no fim do ano, o gestor falar que algumas famílias procuraram ele no começo do ano para relatar um certo incômodo em eu sendo homem estando com as crianças pequenas, e novamente, quando os gestores falam isso para mim é quando a família já está íntima de mim, não de mim como pessoa, mas de mim como profissional, de chegar e já tratar com uma certa alegria do meu trabalho profissional com as crianças deles. (Retirado de Entrevista realizada com o professor)

Neste trecho, consideramos ter dois pontos importantes da figura do homem<sup>19</sup> A primeira diz respeito à maneira com que a escola lida com as questões relacionadas à presença do homem na educação infantil. Percebemos, que, de certo modo, a gestão da escola se articula para também lidar com as questões, percebendo que não se trata apenas de um problema na relação professor aluno, isso muda radicalmente, o campo de agência do próprio homem para lidar com as questões e, sobretudo, institui no espaço da educação infantil, não só uma rede de proteção às crianças, aos bebês, mas também ao trabalho docente quando este é atacado.

A segunda questão se apresenta na especificidade do trabalho docente do professor Leo. Desde sempre, ele considerou importante manter contato com as famílias dos educandos para comunicar possíveis enfermidades, dificuldades e

---

<sup>19</sup> O termo figura, geralmente, vem acompanhado de “masculina”. No entanto, as questões que se apresentam são aos homens em si, em sua materialidade, e não na figura masculina - enquanto entidade simbólica da cultura.

desenvolvimentos a respeito dos mesmos. Assim, a relação que, a princípio, era duvidosa, vai tomando espaço para um canal de confiança entre família e escola.

Essa confiança fica registrada na docência do professor, sobretudo quando se passa mais tempo na mesma unidade escolar, de modo que, algumas questões de gênero e sexistas vão se tensionando ao longo do trabalho docente,

num primeiro momento não tem muita verbalização do que as famílias sentem, mas ao longo dos meses, principalmente durante a primeira reunião de avaliação das crianças do ano com as famílias - no fim do primeiro semestre - fica mais claro, muitas famílias, isso é bem comum, quando eu troco... nas três vezes que eu troquei de unidade, quando tem famílias novas, os relatos são bem parecidos, (Entrevista)

Ainda assim, determinadas questões sexistas ainda rondam o trabalho do professor,

O que mais me dói cara, é quando eu percebo que essas dificuldades acontecem entre as minhas colegas de trabalho, muitas das quais eu já trabalhei e convivi em algum ambiente durante alguns anos, mas, de vez em quando, eu escuto uma fala do tipo: “você não entende disso porque você não é mulher, porque você não é mãe”, em questões que não tem a ver... a sensibilidade, eu, de fato, não sou mulher, mas não é assim, não sou mulher, não sou mãe, nunca vou entender a partir desse ponto de vista, mas aí eu explico que algumas atitudes minhas não tem a ver com falta de sensibilidade ou com excesso de sensibilidade para alguma coisa, mas que tem a ver com as coisas que eu já estudei e que eu estudo bastante e da minha própria experiência do trabalho. (Entrevista)

Uma situação muito comum para justificar essa perspectiva maternal para a docência na educação infantil, acontece nos momentos de refeição. É um momento que, no planejamento das situações de aprendizagem da sala, toma bastante espaço para discussão, e geralmente, se encaminha alguma prática para solucionar determinado problema. Por exemplo, uma criança que pouco ou quase nunca se alimenta, a equipe combina de fazer um acordo para incentivar a comer. E o professor indaga: “a gente não ia fazer o que combinamos?”, “é, mas eu achei que ela tava sofrendo, então resolvi mudar de estratégia”, então tudo bem, mas você conversa com todo mundo. “Ah, mas aí você não entende disso porque não é mãe para saber quando a criança está sofrendo”. Nessa situação, além da perspectiva de que somente a mãe compreende o melhor para o bebê, têm também a ideia de que é possível a interpretação dos adultos sobre as crianças: são ditas e feitas coisas, que, segundo quem diz e quem fez, representam a vontade da criança, sem garantia nenhuma, e por vezes, de preterimento da própria vontade do bebê.

Outra situação que apresenta sexismo parte das famílias,

Algumas famílias ficam nervosas mesmo com alguma colega minha... [...] mas as famílias ficam nervosas mesmo de não chegar a trocar agressões verbais, mas está naquele limiar de trocar e comigo isso nunca aconteceu, principalmente quando elas falam assim: “aquele pai, aquele homem pai, é meio indelicado com a gente”, e quando eu vou falar com o cara, ele é super tranquilo comigo (Entrevista)

Nesse caso supracitado, diz respeito sobre a supervalorização da fala masculina e, conseqüentemente, subjugação da fala feminina. É a ideia de que o homem é uma figura “de respeito”, na visão do professor isso acontece porque ele é: “um homem grande, massudo, gordo, pareço ser forte, então parece que tem um respeito maior que parece ter a ver com o lugar de força que o machismo impõe para os homens na sociedade”. E, de fato, tem a ver com o lugar simbólico em uma sociedade patriarcal que o homem ocupa. É a ideia de que o professor, o pai, o padre, são autoridades de regulação moral<sup>20</sup>.

Porém, ainda enquanto estrangeiro, têm também sua potência de deslocar lugares fixos e possibilitar novos espaços para o masculino, de modo que, a questão levantada anteriormente na introdução é: “o que significa ser um homem trabalhando em um lugar que se diz maternal?” tem seu sentido alterado pela própria presença do professor, anuncia sutilmente àquela comunidade: esse lugar não é maternal. E, se assim o faz, diz também em defesa do trabalho docente para com as crianças pequenas e os bebês.

O cuidado “essencialmente feminino” é diluído pelas práticas docentes do homem que ocupa a creche. Cabe, portanto, a discussão apresentada por Louro (2003, p. 99), em que a representação não é um espelho do real, mas um sentido dentre vários outros possíveis. Assim, a representação do cuidado, antes estaticamente feminino, tenciona-se, no momento em que o masculino entra na disputa. Cabe, também, pontuar que A Identidade também fica tensionada, na medida em que a ideia de masculino unívoco, estático e hegemônico dessincronizado com o homem real. A ideia de um homem “caricioso” (de intenções

---

<sup>20</sup> Na pesquisa de Badinter (1991; 1993) a figura do pai é sobretudo uma figura simbólica, e que representa a autoridade moral e repressão por parte da sociedade, em oposição à figura da mãe, que é material e representa o afeto e as relações que ali se estabelecem. Na pesquisa de Brito e Paula (2013), os autores percebem uma forte relação da construção da masculinidade brasileira com as religiões de matriz judaico-cristã. A ideia da masculinidade é, sobretudo, um construto de regulação moral do social, e podemos inferir que têm sua representação na figura do padre e do professor e no Brasil colônia em um jesuíta catequista.

perversas) e autoritário pode ser continuamente desconstruída e ressignificada por um professor afetuoso, carinhoso e apaziguado com o feminino. Este professor, deste modo, pluraliza a masculinidade.

Como já dito anteriormente, existe um extenso trabalho, por parte de um pensamento intelectual ocidental, em trazer à tona somente os feitos dos homens, de tal modo a criar o masculino genérico, associado ao espaço público. Em vista de toda história da educação infantil, marcadamente feminina (e feminista!), o professor Leo escolhe se pluralizar no feminino:

Fazendo um resumo, tem uma diferença entre os períodos - que é a relação entre as **trabalhadoras**. As **professoras, nós**, não somos **contadas** no módulo com as crianças, ou seja, se aquela sala tem módulo para ter monitoras trabalhando, vai ter monitoras trabalhando de manhã e três monitoras trabalhando a tarde, então eu sou tipo um bônus para fazer parte burocrática, para fazer o planejamento, para propor algumas atividades, mas na verdade, eu faço tudo junto com o meu grupo, eu gosto de trabalhar assim, de fazer a maior parte das coisas assim, desde o planejamento até as práticas das atividades, mas o período onde eu estou é sempre mais tranquilo porque é uma pessoa a mais, então como eu geralmente trabalho de manhã, então o trabalho fica mais tranquilo, no sentido de cansaço, então quando eu vou trabalhar a tarde, então “esse dia é o dia do Leo trabalhar a tarde [...]” (Retirado de entrevista, grifos nossos).

Nessa situação, o professor estava narrando a situação em que ele trabalha no contraturno, e mostrando que o professor é visto como um “bônus” no município em que ele trabalha (Campinas, São Paulo), pois o módulo (relação entre adultos e criança) prevê 1 monitor para cada 8 bebês no agrupamento 1 (de bebês até 2 anos incompletos) e mais 1 professor para a turma toda. No caso de uma creche que atende em período integral, o professor fica apenas um período, e somente em casos raros, por desfalque de funcionários, preenche o cargo vago de um monitor a tarde.

Contudo, retornando a questão de gênero no discurso, a fala do professor traz elementos mais concretos sobre a fluidez de gênero, uma vez que, ele ciente de todo machismo e patriarcado carregado no masculino genérico, decide aderir a um pronome que não traz identificação total, mas enfatiza uma qualidade política na ação discursiva. Retoma também o pensamento guattariano de devir-mulher, “chave de todos os devires (GUATTARLi, 1997, p. 70), em que a masculinidade hegemônica é tensionada por este homem-devir-mulher (JANEI e MACHADO, 2020, p. 716)

O termo “negociar” tem também sua importância quanto aos homens na educação infantil, uma vez que, estão sendo produzidos, ao mesmo tempo, representações limitantes do masculino, mas também resistências em torno delas. O trabalho de professor na educação infantil, segundo o professor em questão é:

Eu sinto que não depende da questão de gênero nesse caso<sup>21</sup>. É algo, vamos dizer assim, natural quando você trata de uma maneira zelosa, cuidadora e tal. As famílias se mostrarem cada vez mais contentes com o trabalho é algo que tem a ver muito com confiança. Com relação ao trabalho, elas vão contando de vez em quando, esses pequenos momentos que se tem no começo do dia ou no fim do dia, [...] (Retirado de Entrevista).

Assim, “gênero” é algo que oprime o trabalho do professor, mas existe uma possível vazão encontrada no diálogo com as famílias e em um trabalho zeloso. Em outras palavras, a representação do professor na educação infantil não sofre alterações apenas com sua presença física ali, mas com práticas cotidianas, com micropolíticas de resistência.

Quando homens que tomam conta de crianças internalizam o pensamento e comportamento antissexistas, meninos e meninas têm oportunidade de ver o feminismo em ação e de terem em suas vidas referências masculinas menos tóxicas e mais sensíveis. Quando pensadores e ativistas feministas oferecem a crianças um contexto de educação em que preceitos antissexistas não são o padrão usado para julgar o comportamento, garotos e garotas são capazes de desenvolver autoestima saudável (hooks, 2018, p. 87). Ademais, as pesquisas, reflexões e práticas em torno dos homens na educação infantil (RAMOS, 2013; SILVA, 2014; SAYÃO, 2005; MONTEIRO & ALTMANN, 2014; JANEI e MACHADO, 2020; MIR, 2013) tem contribuições para novas pedagogias, que rompem ou, ao menos, tensionam com as institucionalizações do machismo no sentido de que,

... as pesquisas sobre diversidade, educação infantil e infâncias estão ganhando corpo teórico. Nesse sentido, a Sociologia da Infância brasileira (Faria e Finco, 2011; Abramowicz, 2011, 2013; Nascimento, 2012) reafirma a importância desses novos estudos, na busca e na construção de pedagogias descolonizadoras, o que favorece a problematização das experiências de homens na função docente e as relações que estão sendo construídas na educação infantil (Peeters e Vandenbroucke, 2008; Vandenbroucke, 2009),

---

<sup>21</sup> Foi feita a seguinte pergunta a ele: “Você me contou como são suas primeiras semanas de trabalho e como elas se desenvolvem. Há alguma diferença que se apresenta nesses dias?”

relações estas que estão se distanciando da visão do patriarcado. (SILVA, 2014, p. 109)

Ao mesmo tempo em que existem professores que se desvinculam da representação de um professor autoritário e de um homem perverso em seus afetos, também coexistem com eles, discursos e práticas que buscam reforçar a ideia unívoca de homem. A seguir, será apresentado um projeto de lei que materializa este tipo de discurso.

#### **4.2 Projeto de Lei 1.174/2019 - Confere a profissionais do sexo feminino exclusividade nos cuidados íntimos com crianças na Educação Infantil.**

A temática do cuidado de crianças por homens foi pauta de um projeto de Lei na Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo (PL 1.174/2019, ALESP) em que, segundo as autoras do projeto, “foi proposto com a finalidade de assegurar a proteção de crianças no âmbito de instituições de Ensino Infantil, restringindo a realização de atividades que envolvam cuidados íntimos a profissionais do sexo feminino”. Como proposta, as deputadas e requerentes sugerem de que os profissionais do sexo masculino não precisam ser depostos do cargo, como ocorreu inicialmente em uma petição feita por um grupo de mães<sup>22</sup>, mas que sejam atribuídas funções estritamente pedagógicas.

No entanto, como sugerem as Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil (2010), a concepção de educação que deve ser adotada nesta etapa da educação básica é de “integralidade, entendendo o cuidado como algo indissociável ao processo educativo” (p. 19). Ou seja, as oportunidades pedagógicas, na rotina da creche, são também, dentre outras coisas, as atividades de cuidado, em que é possível ensinar sobre o respeito e a preservação do próprio corpo e criar conexões afetuosas entre docentes e educandos.

---

<sup>22</sup> Reportagem disponível em: <<https://janainadobrasil.com.br/maes-protestam-contrahomens-dando-banho-em-bebes-nas-creches-de-aracatuba-e-contam-com-o-apoio-da-deputada-janaina-paschoal/>>

Contudo, o professor homem na educação infantil não é lido, por parte dos adultos, tal qual as demais integrantes. Assim, o que é um simples cuidado se torna carícia, um ato com conotação sexual.

Na masculinidade hegemônica, o homem é reforçado a ter apetite sexual e sempre buscar naquilo que faz uma possibilidade de satisfação sexual, tratando o corpo alheio como objeto, não sujeito (FELIPE, 2006). Assim, quando a educação de bebês (ou mesmo crianças pequenas) exige cuidado com o corpo, e principalmente higiene das partes íntimas, o homem é afastado dessa atividade, pois apresenta, à vista do senso comum, perigo de ser um pedófilo. De fato, a pedofilia é um dado majoritariamente masculino, no entanto é mais recorrente em ambientes intrafamiliares e por familiares próximos.<sup>23</sup> Podemos perceber que, na realidade, instituições educacionais, sobretudo as que possuem multiprofissionais concursados em um mesmo ambiente, são o ambiente mais seguro para as crianças e bebês, no que tange à proteção em relação à violação sexual. Assim, uma postura punitiva antes de qualquer prova em uma instituição educacional e/ou de cuidados de crianças é mero reflexo da estigmatização da sexualidade masculina, que pouco tem a ver com situações de cuidado explícito.

Sendo assim, constituir-se homem na educação infantil, é, em certa medida, negociar a alteridade, conforme pontua Sumsion (2000). A experiência de um homem estar em um ambiente predominantemente feminino, evidencia com mais força os assujeitamentos das mulheres em relação ao feminino, e a partir disso, traz a tona também que o distanciamento dos homens na educação e cuidado de crianças e bebês não é um dado natural, mas faz parte destas construções que obrigam as mulheres a cuidar e educar deles ao mesmo tempo que autoriza e legitima o abandono afetivo e responsivo destes sujeitos.

## 5 AS RELAÇÕES FAMILIARES

---

<sup>23</sup> Dados obtidos a partir do Programa de Ações Integradas e Referenciais de Enfrentamento à Violência Sexual Infanto-Juvenil no Território Brasileiro da Prefeitura de São Paulo. À nível nacional, dados do Ministério da Saúde de 2011 a 2017 também apresentam mais ocorrência no ambiente intrafamiliar. Disponíveis em: [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/assistencia\\_social/Violencia.pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/assistencia_social/Violencia.pdf) <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/maioria-dos-casos-de-violencia-sexual-contras-criancas-e-adolescentes-ocorre-em-casa-notificacao-aumentou-83.ghtml> Acesso em 22 de setembro de 2020.

Os estudos das organizações familiares compreendem a relação na triangulação pai-mãe-filho (BADINTER, 1991), a influência privada no social e as negociações conjugais (DONZELOT, 1986).

Diversos poderes foram direcionados às mulheres historicamente. No século XVIII e XIX, foi arquitetado, em um momento inicial, colocar a mulher no epicentro da família a fim de que os homens pudessem produzir e trabalhar na vida pública enquanto permaneciam em casa. O discurso médico e psicanalítico desta época foi o expoente máximo da subjugação da mulher ao lar (BADINTER, 1991, p. 248). No Brasil, este tipo de discurso vigorou também fortemente, sobretudo pela veiculação da revista “A mãe de família” (LOCKS, 2015). Para que esse projeto se concretizasse, tais poderes prescreveram manuais de “boas mães”. Os manuais familiares foram instrumentos eficazes de inculcação de um papel unívoco tanto para os pais quanto para as mães, com maior enfoque para elas. Entre os séculos XVIII e XIX, de forma crescente, se falava de mães suprindo todas as necessidades do lar, dos filhos e dos seus maridos como uma fórmula para uma família feliz (BADINTER, 1993, p. 112).

A boa mãe é totalmente afetiva, responsável pela felicidade do marido e do filho, e seu amor é infinito, daí a origem do “mito do amor materno”. Mito, pois a mãe foi sujeitada a esse lugar, de modo que, sistematicamente, criou no imaginário social a ideia de mãe infinitamente amorosa. Isso não significa negar que haja amor pela relação materna, mas que existem condições sociais que circunscrevem esse lugar do amor. Um dos pilares deste mito é de que o cuidado da mãe é sempre o melhor cuidado, e que não faz bem para o desenvolvimento do filho que um pai cuide dele<sup>24</sup>.

Face à ascensão do capitalismo e sanitarismo, no início do século XIX, pais passam a significar a paternidade pela “usura” (Idem, p. 72), ou seja, a ideia em que os filhos servem aos pais e que, portanto, a paternidade privilegia os pais em função da exploração infantil. Em termos psíquicos, os filhos seriam objeto-alvo de supressão e superação das frustrações dos pais e das mães. Crianças, nesse sentido, seriam miniadultos, reprodutores menores das atribuições paternas, seguidores de suas profissões, compelidos por uma estrutura adultocêntrica. Pode-se pensar que esse tipo de paternidade surgiu anterior a um projeto sanitarista da sociedade, no entanto,

---

<sup>24</sup> Esse argumento é desenvolvido no capítulo “As relações familiares”.

bem como nos lembra Ariès (1986) não existia um lugar pleno para a criança na sociedade, e mesmo que elas tivessem fins semelhantes, dentro do próprio sistema da sociedade, o lugar que ela ocupava era inexistente, era um não-lugar.

Na família, ainda na pesquisa de Donzelot, o homem adquire condição privilegiada às crianças e à mulher, sob a prerrogativa de ser o provedor financeiro, ele não necessita ocupar efetivamente a educação das crianças, nem se quer lhe é exigido, na mesma medida, a responsabilidade dos filhos. No entanto, o homem que transgrede a adaptação de seu filho à hegemonia tem sua função paterna coibida, pois o judiciário assume a tutela da criança em vista dessa paternidade vista como errônea.

Rousseau foi um dos principais filósofos, e um dos primeiros a designar, por escrito, o lugar do homem e da mulher, da mãe e do pai, na sua obra magistral, *Emílio ou da Educação* (1979). Seu posicionamento era nítido: o homem precisa sacrificar o amor que se têm pelo filho a fim de garantir o bem-estar na família<sup>25</sup>. Um homem presente na vida privada familiar constitui um problema na visão rousseauiana. A mulher, no entanto, seria a encarregada de todas atividades domésticas e, sobretudo, da felicidade dos filhos, do marido e de modo geral, da casa<sup>26</sup>. De certo modo, o afastamento dos pais em relação aos filhos, se deu também por uma herança rousseauiana que, se desdobra em uma extensa literatura médica, filosófica, psicopedagógica e educacional, compreendeu que o trabalho do pai era, por dever, nulo.

A relação entre pai e filhos foi construída, ao longo da história, baseada em princípios de lazer, sobretudo de prazer para o pai, em Ariès (1986) a graça da criança se encontrou desde o século XVII na sua inocência, mas na medida em que a criança se torna mais importante no núcleo familiar, a relação se distancia. Mas, de um modo

---

<sup>25</sup> Vejamos a seguinte passagem da obra *Emílio*, de Rousseau: Tive a oportunidade de ver, por vezes, o jeito das jovens mulheres que fingem querer amamentar seus filhos. Sabem fazer com que as instiguem a renunciarem a tal fantasia: fazem com que intertenham habilmente os maridos e os médicos, sobretudo as mães. Um marido que ousasse consentir que sua mulher amamentasse o filho seria um homem perdido; tachariam-no de assassino desejoso de se livrar dela. **Maridos prudentes precisam imolar o amor paterno no altar da paz.** (grifos nossos, p. 18)

<sup>26</sup> Da boa constituição das mães depende inicialmente a dos filhos; do seio das mulheres depende a primeira educação dos homens; das mulheres dependem ainda os costumes destes, suas paixões, seus gostos, seus prazeres, e até sua felicidade. Assim, toda a educação das mulheres deve ser relativa ao homem. Serem úteis, serem agradáveis a eles e honradas, educá-los jovens, cuidar deles grandes, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes a vida mais agradável e doce; eis os deveres das mulheres em todos os tempos e o que lhes devemos ensinar já na sua infância. Enquanto não remontarmos a esse princípio, afastar-nos-emos do objetivo e todos os preceptores que lhes derem servirão de nada nem para sua felicidade nem para a nossa. (p. 312)

geral, o pai da classe trabalhadora foi afastado de uma vida familiar (privada) para viver uma vida pública (no trabalho), e assim, tornou-se uma figura ausente na relação com os filhos, que, na perspectiva de Corneau (2014), seria melhor compreendido como um pai que falta, pois é um arquétipo que produz lacunas em si e no outro. Isso não significa dizer que o pai é atitudinalmente ausente, mas que, as estruturas de organização familiar prescreveram este lugar para ele.

No ocidente, o homem teve seu direito à paternidade interdito pela guerra, o trabalho e conselheiros diversos (da medicina, psicanálise, filosofia, entre outros). Diversos arranjos familiares que se organizaram de forma a partilhar as atividades de cuidado entre pais e mães, fazendo de um distinto daquilo que se prescrevia por médicos - em que o trabalho doméstico, inclusive o cuidado de crianças, era atividade exclusiva da mulher (BADINTER, 1991). Assim, a instituição familiar está emaranhada na disputa entre uma paternidade capitalista, produtivista e insensível ou por paternidades diversas, atentas a necessidades dos seus filhos e reflexiva sobre os processos que atravessam as relações familiares.

O capítulo seguinte busca explorar as formas com que os campos acadêmicos exploraram a temática da paternidade.

## 5.1 Estudos psicossociais da paternidade

O nascimento não é só sair do ventre materno, o nascimento deve ser declarado por seu pai. O pai possui uma função, a função paterna que introduz seu filho na cultura, e seu modo de engendrar-lo não é levá-lo em seu ventre, mas proporcionar-lhe sustento e proteção. (Alkolombre, 2015, p. 39)

A literatura sobre paternidade enquanto uma dinâmica de filho-pai é exígua (GOODSELL & MELDRUM, 2010, p. 251), sobretudo porque até meados do século passado - marcado pelo fim da Segunda Guerra Mundial - em um contexto em que os homens estiveram distantes das crianças. No entanto, houveram projetos de sociedade que impulsionaram os homens a estratificar-se enquanto gênero dominante. Esse capítulo se dedica a desmembrar os discursos que produziram a paternidade hegemônica e instigaram movimentos de resistência.

Na psicanálise tradicional, a figura paterna precisava estar fora de casa para ocupar a mente da criança sobre o que é o mundo externo, romper com a relação dual e egocêntrica filho-mãe, e desta forma, estabelecer uma relação em que existe um outro, que rompe com os seus desejos. Winnicott diria que basicamente o homem deve estar vivo e não precisa ter contatos diretos com a criança, pois sua presença simbólica basta (WINNICOTT, 1962<sup>27</sup> apud BADINTER, 1991, p. 268). E, caso o pai queira estabelecer uma relação de proximidade com o filho, que não seja maior que a relação que se tem com a mãe, "porque fundamentalmente a quem mais ama é a sua mãe." (BADINTER, 1991, p. 267, tradução livre)<sup>28</sup> pois a mãe pode confundir e/ou mimar a criança, uma vez que é preciso ter uma representação unidirecional, ou seja, a figura paterna tem de ser de cisão, misteriosa (para mobilizar a imaginação da criança) e trabalhadora, enquanto a figura materna é de cuidado, emoção e amor. (WINNICOTT, 1962 apud BADINTER, 1991, p. 266). Badinter indaga esse tipo de psicanálise que incorre em um paradoxo: se o direcionamento de emoções é ambivalente, porque é preciso separar homens e

---

<sup>27</sup> WINNICOTT, Donald, W. Conozca a su niño. Psicología de las primeras relaciones entre el niño y su familia. Buenos Aires, 1962. Ed. Hormé-Paidós.

<sup>28</sup> Tradução livre de: "porque fundamentalmente a quién más ama es a su madre". Badinter questiona Winnicott: Por que fundamentalmente? Não é simplesmente por que a conheceu primeiro?

mulheres nesses direcionamentos? E, porque, a mulher não pode representar a figura paterna e vice-versa?

No entanto, algumas mudanças em torno da figura paterna passaram a ocorrer com a chegada de psicanalistas que dialogam com os estudos de gênero.

À força de aceitar como um fato evidente e à força de igualmente idealizar o amor materno, nós não insistimos suficiente no amor paterno, amor direto e sem intermediário, trazido por mãos diferentes, pois, sabemos que as carícias dos homens, embora mais rudes, são algumas vezes gratificantes e além do mais, as mulheres nem sempre têm unhas cortadas rentes. (AJURIAGUERRA, 1973)

Embora o trecho supracitado possa soar contraditório à proposta da pesquisa, o psicanalista nos mostra a necessidade e a potência do amor paterno, sentida (em falta, vazio) por muitos. As contribuições de Ajuriaguerra para a paternidade precisam ser pensadas à luz de uma psicanálise holística - de compreensão do indivíduo na sociedade, em sua completude. Nesse sentido, a psicanálise atual tem se referido e feito esforços a fim de identificar o emaranhado de contradições nessa categoria.

É uma figura paterna que percorre os interstícios da cultura patriarcal tradicional e se reflete nas práticas e teorias quando se entende que é a mãe quem cuida da criança e do sustento afetivo dos filhos. Não existem termos que reflitam este papel do pai, porque, ao nomeá-lo, o gênero se transforma: é um pai que “materna”. (ALKOLOMBRE, 2015, p. 33)

Bleichmar (2007) ainda aponta para uma dívida da psicanálise para com os homens, no que diz respeito à inflexibilidade mesmo depois da teoria sexual da masculinidade questionar pressupostos psicanalíticos a respeito dos homens. Ainda nesse tema, Nasio (1991 apud ALKOLOMBRE, 2015, p. 39) ressalta a feminilidade - associada ao homem neurótico -, que emerge do fenômeno de castração e produz um homem angustiado, mas que essa angústia é também uma aprendizagem sobre perda, sobre a percepção de não-onipotência. Desse modo, o lado feminino é o caminho para o homem entender o desejo de ser filho do pai e também o desejo de ser pai.

Ademais, a paternidade parece ter um sistema pulsional próprio, em que

Com base em considerável material antropológico, T. Reik argumenta que **os sentimentos de um pai por seu filho reacendem um sentimento ambivalente por seu próprio pai. Daí o medo da retaliação, tão bem explicado por Otto Rank: 'O filho que sente impulsos hostis em relação ao pai e que deve inibi-los, temerá, quando se tornar pai por sua vez, uma atitude semelhante em seu filho, e isso devido a um mesmo**

**complexo inconsciente.** ' Isso é o que poderíamos chamar de complexo de Isaac. (BADINTER, 1993, grifos meus, p. 93, tradução livre)<sup>29</sup>

Pais podem promover seguro psicológico e ocupar o lugar primário de cuidado - de forma versátil: como um companheiro de brincadeira, afetuoso e provedor - e de diferentes formas. Um estudo (GOODSELL e MELDRUM, 2010) mostra as formas de conexão estabelecidas por mulheres brancas de classe média na época da sua infância, com o pai - em detrimento da mãe - são elas: a paternidade compensatória e a paternidade auto assertiva.

A paternidade compensatória compreende-se como a reação referente a negligência e/ou impaciência da mãe no cuidado dos filhos (Idem, p. 25). Enquanto a paternidade auto assertiva se coloca como aquela que se vincula mais com o/a filho/a sem necessariamente a mãe apresentar algum grau de negligência (Ibidem, p. 257). O estudo ainda sugere que mulheres interessadas sexualmente por homens buscam, talvez inconscientemente, maridos semelhantes a seus pais; que a paternidade exerce consequências distintas na vida das crianças; e que a paternidade se expressa em uma relação pai-filho, isso significa que, a depender do contexto, a segurança psicológica pode ser impulsionada por qualquer um deles (Ibidem, pp. 259-260). Por exemplo, uma filha pode sentir-se segura perto de um pai, mesmo que o pai tenha sido ausente, porque foi introjetado nela que a figura paterna (símbolo sociocultural) traz segurança. Desse modo, o estudo, assim como outros (BLAKEMORE e KENISTON, 1988; STAVRINIDES e NIKIFOROU, 2013) sugerem uma mudança no termo *parenting* - geralmente designado a atribuição do ofício de ser pai e mãe - para o termo *parent-child*<sup>30</sup>, que compreende o campo de agência das crianças e a dinâmica das relações interpessoais estabelecidas.

No campo da antropologia, Badinter é sem dúvida uma das principais referências sobre a maternidade. No que se refere à paternidade e a construção de

<sup>29</sup> Em citação à Herman Numberg: "Tentativas de rejeit de la circoncision, en Nouvelle revue de la psychanalyse, núm. 7, 1973, op. cit., p. 208.

"Apoyándose en un material antropológico considerable, T. Reik sostiene que los sentimientos que manifiesta hacia su hijo, un padre reaviva un sentimiento ambivalente hacia su propio padre. De ahí el miedo al talión, tan bien explicado por Otto Rank: 'El hijo que siente pulsiones hostiles hacia su padre y que debe inhibirlas, temerá, cuando sea padre a su vez, una actitud similar en su hijo, y ello debido a un mismo complejo inconsciente'. Es lo que podríamos denominar complejo de Isaac"

<sup>30</sup> Child, nesse contexto, se refere ao sujeito que é filho/a, sem designação de gênero, e sem exatidão de faixa etária.

masculinidades associadas à relação dos homens com as crianças, outros trabalhos merecem destaque.

Suzanne Lallemand (1984) aponta para a existência de paternidades adotadas por via afetiva e de escolha do filho. É o caso dos mossi (localizado na região da República de Alto Volta) em que todos os homens próximos podem desempenhar o papel de pai e, no fim, o pai escolhido pelo filho, muitas vezes não é o progenitor. Ademais, eles repudiam a ideia de um pai único, entendendo que os pais servem de referência para formação identitária dos meninos, "e o que faz se este [pai] não é satisfatório?"<sup>31</sup> (BADINTER, 1991, p. 180, tradução livre)

## 5.2 A paternidade nas relações familiares

Há uma crescente participação dos pais no que tange ao exercício participativo da paternidade (RIDENTI, 1998). Apesar de ainda estar oculto socialmente o que significa "ser pai", a pesquisa de Ridenti evidencia "um desejo muito presente de ser diferente do que o próprio pai foi em relação ao envolvimento com os filhos. (...) e, mais do que isso, ser mais afetivo" (Idem, p. 194). A pesquisa da autora ainda aponta para lugares de pais sendo inventados no acontecimento do dia-a-dia e transgressões com as hipóteses de LaRossa sobre a paternagem. O termo cultura de paternagem é utilizado por Ralph LaRossa (1994)<sup>32</sup> para designar os discursos que atravessam a paternagem. Concomitantemente, existe a cultura de paternagem - expressa pelas práticas e comportamentos. Na hipótese de LaRossa, estão ocorrendo mudanças em torno da cultura da paternidade - valores, crenças e normas, mas as condutas de paternagem - as práticas - continuam as mesmas. Em outras palavras, os pais existentes na realidade (as condutas de paternagem) estão em atrito com o pai idealizado (cultura de paternagem), complexificando essa categoria de tal modo que, de forma ambivalente, alguns pais estão presentes, no imaginário e em matéria, mas também ausentes em relação aos seus afetos.

---

<sup>31</sup> ¿Y que hace si éste [padre] no es satisfactorio?

<sup>32</sup> LaRossa foi convidado a escrever um artigo sobre paternidade no dossiê "Men 's Lives" organizado por Michael Kimmel. Os estudos de LaRossa ganharam grande destaque nos men 's studies, pois foi pioneiro na concepção de que a paternidade possui diferenças à masculinidade, com formas de construção e contradições próprias. Isso não significa dizer que a paternidade possui uma estrutura independente da masculinidade, mas que a própria ideia de masculinidade unívoca, mesmo na hegemonia e no senso comum, não é capaz de abarcar a concepção de paternidade vigente.

Porém, os pais entrevistados na pesquisa supracitada apresentaram rupturas de conduta, que, em conjunto com o desejo de “ser um pai diferente do meu pai”, coexiste uma conduta de reflexão contínua da paternagem - de expressão dos limites e das potências do seu ofício (RIDENTI, 1994, p. 200). O pai João entrevistado diz também ter tido sentimento semelhante,

Ele estava em mim, na emoção que sinto ao cantar e ouvir músicas; na veia que tem apreço pelas artes em geral; nos cuidados que tenho com a casa; na inventividade e na criatividade; e até na dificuldade de desapegar das coisas. Papai sempre esteve aqui presente, como um pai possível! Realmente, sempre fomos diferentes e talvez eu hoje não seja o primogênito que ele foi e sonhou ter. Mas, do jeitão dele, me ama mesmo assim, eu sei. E eu o amo, acredito que saiba. Enfim, me dei conta de que, ao contrário do que imaginava, meu pai me inspirou. Pois imaginei que caminhava em sentido oposto, para provar que poderia ser um pai melhor. Na verdade, caminhei como ele, de par em passo.<sup>33</sup>

E traz também elementos de uma paternidade anterior positiva, na contramão do que sugeria a hipótese de LaRossa. É importante pontuar que algumas mudanças ocorridas em torno destas paternidades - a autorreflexão, os afetos, as dúvidas e as tentativas de ser um bom pai - ocorrem em ambientes de classe média, e não sendo representativas, para uma análise integral da cultura de paternagem. Com isso, Sandra Ridenti aponta que a paternidade é uma construção coletiva, e que os recursos das paternidades que ela pesquisou circunscrevem-se em um contexto privilegiado para a mudança da paternidade.

As pesquisas de paternidade por Stuart Aitken (2000; 2016) revelam que, a crença da paternidade como uma figura auxiliar e/ou dependente da maternidade é um obstáculo para que cheguemos à paternagem, que na perspectiva de Aitken, se refere a um trabalho emocional diário.

Um caminho inicial para desessencializar a masculinidade, é pensar a masculinidade para além do machismo atitudinal, ou seja, uma masculinidade antissexista (HOOKS, 2018), inclusive, dessencializá-la representa reconhecer também a violência dos homens em seu constructo social,

“Por que os homens batem nas mulheres?” “Por que os homens estupram as mulheres?” “Por que os homens perseguem, assediam, exploram e maltratam as mulheres?” Para responder a essas perguntas, devemos antes de tudo descartar a resposta fácil:

<sup>33</sup> Trecho retirado de seu diário. <https://www.facebook.com/DiariodePai/posts/1374234996108906>. Acesso em 5 de setembro de 2020.

"Eles são monstros." Na verdade, a pesquisa mostra que a maioria dos homens que espancam, estupram ou assediam mulheres são muito comuns e não muito diferentes da maioria dos outros homens. (KIVEL, 1988, p. 1)<sup>34</sup>

Assim o reconhecendo, podemos pensar em perspectivas de rompimento com esse modelo masculino que massifica a violência contra homens e mulheres, ação tão necessária em tempos em que casos de feminicídio são tão recorrentes em nossa sociedade. É no homem concreto que encontramos recursos para uma masculinidade contra hegemônica. Um homem que se entende enquanto sujeito de direito sem mais nem menos que os demais gêneros. E, que, a partir dessa perspectiva cria pequenas (mas significativas) desestabilizações com a superioridade patriarcal. No entanto, é preciso, também, um movimento por parte das políticas públicas e da sociedade de um modo geral,

Até que vejamos grandes mudanças na maneira com que o trabalho é estruturado no que se refere a tempo, não viveremos em um mundo onde a vida é projetada para permitir aos homens tempo e espaço para paternagem (HOOKS, pp. 92-93)

Também na pesquisa de Aitken (2000), os pais entrevistados tiveram um salto em relação a contato e cuidado com os filhos quando trabalhavam meio período ou não trabalhavam. Assim, como indica uma notícia da CNBC <sup>35</sup>, "a pandemia do coronavírus provavelmente não lançará uma revolução paterna de ficar-em-casa" (tradução livre), visto que o trabalho e a provisão ainda são os grandes valores da masculinidade hegemônica, então ficar em casa junto às crianças e bebês em detrimento da produtividade laboral é, ainda, uma utopia.

Conforme conclui Harrington et al. (2012), o trabalho é determinante na paternagem. A fim de decidir entre uma figura mais produtiva e de provisão, e outra de reprodução social, quem ganha mais dinheiro é importante, mas a personalidade é um fator também em jogo. Na pesquisa de Harrington et al. (idem), os pais, todos heterossexuais, identificados como "profissões de ajuda"<sup>36</sup> eram os que escolhiam ficar em casa, grande parte dessa decisão influenciada por sua formação (serviço social, licenciatura, pedagogia, psicologia) ou por participar de um movimento social,

<sup>34</sup>"Why do men batter women?" "Why do men rape women?" "Why do men stalk, harass, exploit and mistreat women?" To answer such questions we must first of all discard the easy answer:"They're monsters." In fact, research shows that most men who batter, rape, or harass women are very ordinary and not much different from most other men.

<sup>35</sup> The coronavirus pandemic probably won't launch a stay-at-home dad revolution. Disponível em: <<https://www.cnbc.com/2020/06/19/coronavirus-pandemic-probably-wont-launch-a-stay-at-home-dad-revolution.html>>

<sup>36</sup> O termo original utilizado foi "helping professions"

de modo que, a personalidade desses sujeitos já estava disposta a situações de cuidado e negociação com suas esposas. No caso da paternagem na Família Amor, existe uma frustração quanto ao aproveitamento possível sendo um pai-trabalhador,

Ele [o filho] é vida pulsante, em legítima agitação. Eu sou apenas um pai sozinho que precisa cuidar dele, da casa, da comida, da limpeza e ainda trabalhar remotamente. Muitas vezes, preso ao telefone por horas, sim HORAS! (Retirado de Diário)

Com base nos dados trazidos, percebe-se que a dinâmica do trabalho precisa mudar, sobretudo em relação a carga horária e a mobilidade necessária para trabalhar. A fim de garantir melhores condições de paternagem, existe um caminho a ser feito também nas políticas públicas.

Reconhecendo todos os tensionamentos em torno da figura masculina e paterna, ficam alguns questionamentos: O que fazer com a masculinidade estática, violenta, objetificadora de corpos? Quais são as possibilidades e potencialidades engendradas quando se tem uma referência positiva de masculinidade que cuidou, protegeu, preocupou-se, lhe ensinou do mundo, da vida, dos sentimentos, da arte, dos amores e das dores? Quantas novas relações são possíveis a partir disso? Ou, por outro lado, quais são as relações que se encerram, se superficializam e produzem culpa quando essas referências são nulas?

### **5.3 A paternagem na Família Amor**

Outra entrevista realizada foi com uma família homoafetiva no Rio de Janeiro, que possui um filho por via adotiva. Adotaremos o nome de Amor para o filho, e Pai João, em respeito ao anonimato assinado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Amor é uma criança negra e o Pai João é branco. A internalidade na família já é uma questão reflexiva para o pai, em questão, que pontua

Por ser branco, tenho o privilégio da imunidade (ainda que parcial, se desconsiderar minha orientação sexual) contra o preconceito racial. Já meu filho, não fugirá dos efeitos do racismo estrutural em nossa sociedade. Nos últimos tempos, tenho me obrigado a ler, ouvir e refletir muito sobre as pautas raciais e étnicas para adequar o meu recurso e treinar o meu olhar. Quero, minimamente, não estar cego pelo meu privilégio. Também intenciono garantir que, naturalmente, meu filho cresça empoderado de sua cor, orgulhoso dela, seguro de si e de seu papel na sociedade. Para que, no dia que tiver de

experimentar o dessabor do preconceito, saiba como lidar com ele e sofra o mínimo possível. (Retirado de Entrevista)

Nesse sentido, a paternidade é também uma negociação com a alteridade, e expansão de si, na medida em que se relacionar com o filho é perceber o modo com que a sociedade tem se relacionado ou se relaciona com ele. O pai João esteve preocupado com o momento inicial da adaptação de seu filho, e diz que:

Na creche pública (municipal), a adaptação foi de uma semana somente. Desde o primeiro dia, o deixei na porta, não entrei, nem pude manter contato visual. Havia mais de 20 crianças no mesmo espaço, uma professora e uma cuidadora. Ele ficou uma hora no primeiro dia, nos demais ficou duas, três, cinco e sete horas. Em nenhum dia pude esperar dentro da escola ou acompanhar as atividades em sala. Fiquei sentado na calçada, na porta da escola, nos três primeiros dias e fui sentar num centro comercial próximo aos demais, porque não valia a pena retornar para casa, por conta da distância. Todos os dias, fiquei sem informações sobre ele enquanto esperava. A creche só dispõe de um telefone fixo e de e-mail. Foi angustiante e desgastante para mim e para Amor. (Retirado de Entrevista)

Na sua escrita, fica evidente que existem elementos de paternagem - a preocupação, a dor da partida sentida por ambos, a angústia - que embasam aquilo que Stuart Aitken teorizou: o trabalho de paternagem é um trabalho emocional (2000; 2016).

Outra questão que surge também, se dá através da relação da escola (e da sociedade, de um modo geral) na recepção e acolhimento das famílias à sua instituição, em que o pai João diz que ambos os pais foram melhor recepcionados em uma creche particular, a primeira de Amor, e mal recepcionados na creche municipal, mas em ambas, houveram problemas de não-reconhecimento em relação a existência de uma família homoafetiva, tendo por normativa a heterossexualidade parental,

[...] Novamente a questão dos formulários apareceu, com a demarcação dos gêneros, mas (ao menos) com um campo destinado ao "nome afetivo". Quando questionamos, a direção nos respondeu que não poderia alterar nada, pois eram padronizados pela Secretaria Municipal de Educação e deveríamos escolher qual de nós entraria no cadastro como pai e qual entraria como mãe. Na gestão anterior, a creche pública também comemorou a páscoa e o Natal (sim! E justificou-se dizendo que não abordavam a religiosidade das datas, mas as simbologias e a cultura do coelhinho, do chocolate, da árvore e do papai Noel). Houve festa das famílias, mas foi fechada aos profissionais da escola (nesse dia, as famílias foram convidadas a chegar mais cedo para assistir uma

apresentação e levar as crianças embora mais cedo). Os bilhetes sempre vieram direcionados "aos responsáveis". Até hoje tenho dificuldades de acessar e utilizar o sistema da prefeitura, pois o cadastro do meu filho é bastante confuso quanto ao registro de nossa paternidade. (Retirado de Entrevista)

Alguns avanços são notados - o nome afetivo, o reconhecimento de que não é somente as mães que são responsáveis pelas crianças -, mas ainda assim, a heteronormatividade é compulsiva,

As políticas sociais e educacionais do Brasil exaltam a nossa "diversidade criadora", ao mesmo tempo em que há um silenciamento das diferenças no campo da educação e isto tem significado a construção da heteronormatividade como norma e normalidade e a estética branca como modelo do belo (ABRAMOWICZ, RODRIGUES & CRUZ, 2011, p. 93.)

Assim, se percebe, por parte da creche municipal um entrave que surge no próprio sistema operacional da rede. O sistema em questão, possibilita uma inscrição binária no preenchimento de um formulário de anamnese do educando: um espaço para mãe e outro para o pai, não reconhecendo assim, a existência dessa família que foge à norma... à heteronormatividade.

Deste modo, existe um trabalho formativo que deve passar pelas profissionais de educação que compõem a instituição de educação infantil, mas também, nas secretarias de educação e nos espaços deliberativos (A Assembléia Legislativa, Câmara de Vereadores, os Fóruns de educação, entre outros). É um trabalho sobretudo de conscientização em relação às diversas formas de famílias e seus vínculos - afetivos e biológicos. Segundo o próprio pai João, esse trabalho deveria considerar que: "toda criança tem um responsável, mas nem toda criança tem pai ou mãe. Pai e mãe são aqueles que cuidam, cujos vínculos foram estabelecidos pela convivência afetiva."

## **6 O QUE AS CRIANÇAS E OS BEBÊS NOS ENSINAM?**

Até meados do século XVIII, o bebê ocupava um lugar de abjeção na socialização entre os seres humanos. Isto se deu pela crença, ainda em vigor, de que, por não partilhar da língua comum<sup>37</sup>, não seria capaz de participar dos

---

<sup>37</sup> A não-partilha da língua não implica na possibilidade de criação de um canal de comunicação através de outras linguagens, vide "As Cem Linguagens da Criança" de Edwards et al. (2015)

processos de socialização em qualquer espaço. Essa concepção corrobora para uma ideia de que os bebês não possuem papel ativo na formação e socialização das relações que ele estabelece. No entanto, à luz de algumas teorias da psicologia e da sociologia, esse lugar vem sendo tensionado.

Segundo Wallon (1995), o bebê é um ser extremamente social, de tal modo que ele e o meio se unificam em um só, não havendo ainda dissolução entre o eu e o outro, somente um todo-social em si, assim sendo, eles são marcados por grande sincretismo. Segundo este autor, os bebês iniciam a vida humana em um estágio denominado impulsivo-emocional, dividido em duas fases: a primeira, entre 0 a 3 meses de vida e a segunda, de 3 meses a 1 ano.

A primeira fase é expressada por elos iniciais de emocionalidade através de descargas de frustrações e tensões com o meio. É uma fase de grande dependência corporal e emocional de outro ser humano.

A segunda fase apresenta sociabilidade por meio de expressões, o que ele denomina *emocionalidade*, referentes a sentimentos básicos, como medo, raiva e alegria. Essa emocionalidade é contagiosa no que diz respeito a atenção de quem o cerca e no estabelecimento de conexões emocionais. Nessa perspectiva de Wallon, tensiona o lugar do bebê e das crianças na compreensão da psicologia. Eles passavam de, antes vistos, como "fora da cultura" para seres de alta sociabilidade. Para sustentar essa teoria, Wallon exemplifica o choro do bebê, de alta contagiosidade emocional para com o entorno. É no choro que o bebê primeiro se comunica com quem tutela por ele e produz os processos supracitados.

No que tange à sociologia, um campo recente de estudos, denominado Sociologia da Infância, passou a compreender a criança enquanto um agente na produção do social e da cultura. Se antes, pela sociologia de Durkheim, a socialização primária era verticalizada, isto é, o adulto socializa a criança e a criança reproduz este social, com a Sociologia da Infância, introduzida por William Corsaro, a criança faz modificações em torno desta socialização, visto que "as crianças criam e participam de suas culturas de pares singulares por meio da apropriação de informações do mundo adulto de forma a atender seus interesses próprios enquanto crianças" (CORSARO, 2009, p. 31), este processo foi denominado pelo mesmo autor como *reprodução interpretativa*.

Assim, a partir dessas contribuições, a seguinte pergunta ficou em nossa pesquisa: as crianças também são agentes de formação da masculinidade e da

paternidade nos adultos? E, deste modo, buscamos investigar as contribuições e contágios das crianças e dos bebês nos adultos.

Na família Amor, são vários os sentimentos que surgem na relação entre pai e filho. Sentimentos de dor, apreensão, compreensão e incompreensão, são narrados através de um diário escrito por este pai. O relato a seguir traz elementos da criança em evidência na relação da paternagem,

Fomos passear. Primeira vez que nos aventuramos na cidade desde o início da pandemia. Andamos muito e chegamos no extremo sudeste da cidade. Amor<sup>38</sup> começou bastante animado, empolgado com os "trens bonitos" (metrô e VLT). Pulava de alegria para entrar e chorava copiosamente ao se despedir deles.

Depois de algumas horas, estávamos cansados. O pequeno reclamava de dodói no pezinho. De tanto dar colinho para alguém que pesa como um saco de cimento, papai estava com dor nas costas e também se arrastava. Na volta, não havia nenhum assento vago no metrô. Mal havíamos entrado no vagão quando Amor interrompeu o silêncio e falou em voz (bem) alta: "Gente, eu quero sentar, por favor!!".

Todos ouviram! Todos! Muitos riram e eu vi antes de abaixar o olhar. Não sabia onde enfiar a minha cara, apenas perguntei: "Que isso, meu filho?", puxando para perto de mim a criança, tentando disfarçar meu constrangimento.

Mas em segundos, como um mar que se abre, às pessoas sentadas se movimentaram e apertaram para tentar "encaixar" a criança entre uma e outra. Amor notou que ia sentar sozinho e, na mesma hora, cruzou os braços, olhou feio para quem o queria ajudar e retrucou: "Amor está muito cansado e o papai TB! Quero colinho."

Os risos aumentavam e minha vergonha também. Uma senhora levantou gargalhando e dizendo: "Senta aqui com o papai, então! Vou saltar na próxima estação." Saltitante, ele me puxou e agradeceu à moça.

Sentamos em meio aos comentários... "É isso aí, já sabe o que quer!", "Esse aí num é bobo não", "tem que reclamar mesmo, meu filho. Se não o povo num se movimenta", "Gostei de ver! Quem não chora, não mama". Ele se empolgou com a plateia, óbvio! Falante, percebeu os holofotes e tratou de conversar. Até se dar conta de que estava perdendo a paisagem. Para concluir, soltou a última: "Moça, sai da minha frente, por favor, que eu preciso ver a janela!"

Houve gargalhadas. Eu as ouvi também.

E papai? Sentado, escondido atrás do filho, imerso em um caldeirão de vergonha e orgulho. Desejando, apenas, que o filhote permaneça assim comunicativo, educado e simpático, mas que entenda logo que os privilégios da fofurice acabam um dia. (Retirado do Diário)

A criança rompe com a inércia dos adultos, com o silêncio instaurado, na medida em que sua relação com os preceitos culturais - neste caso, de vergonha e silêncio no transporte público -, se estabelecem de outro modo, por outros motivos. Por sua vez, a paternagem atenta, busca meios de intermediar essa expressão sem que isso fira a própria expressão em si.

---

<sup>38</sup> O nome foi alterado em respeito ao anonimato garantido pelo Termo de Consentimento e Livre e Esclarecido na pesquisa.

Nos tempos do início da pandemia do coronavírus aqui no Brasil, outro relato também destaca a criança Amor,

[...] Meu filho, se não fosse a sua companhia a tristeza causaria mais danos colaterais que um vírus em mim. Eu afundava em letargia a cada partida sua, como se afundasse em um lago de águas bem geladas e hibernava até o seu retorno. Nas quartas, eu levantava por você e para você, pois sabia que ao olhar para seus olhos e ouvir sua voz eu reencontraria uma forte razão para existir e resistir. Amor, eu sonhei a vida toda com sua chegada [...]. Cada passo que dei na vida foi pensando em realizar o sonho de construir um lar confortável com flores, fartura e filhos. Eu não estava só e você me lembrava disso todas as manhãs, quando caminhava até meu quarto para me dar bom dia. (Retirado do Diário)

A criança também é potente na medida em que o cuidado promovido sobre ela, também retribui cuidado para o próprio pai. A presença, a emocionalidade, o abraço e o bom dia são formas também de tensionar a formalidade dos adultos.

No entanto, o reconhecimento da criança e do bebê como sujeitos e atores sociais não está dado nas circunstâncias atuais da sociedade. Para que isto ocorra, é preciso

acabar com a dominação patriarcal de crianças, seja por homens, seja por mulheres, é a única maneira de tornar a família um lugar no qual as crianças se sentem seguras, no qual elas podem ser livres, no qual podem conhecer o amor. (hooks, 2018, p. 88).

Se tomarmos como perspectiva as contribuições de Arendt (1995), o nascimento de uma criança não significa uma simples repetição ou reprodução da vida, nele há um novo início do mundo, de singularidade própria. Assim, a fim de que novos "inícios de mundo" possam existir plenamente, precisamos desatar as crianças das amarras do patriarcado, do paternalismo patológico, do machismo, da heteronormatividade, do sexismo, do racismo e de todas opressões que as permeiam. Para isso, há um trabalho a ser feito na educação dos meninos e dos homens, na formação de masculinidades que também sejam anti-opressivas. Além disso, a partir destas narrativas e contribuições teóricas, podemos perceber a criança como um agente de formação identitária também, uma vez que, nas suas relações com os adultos, ela também produz efeitos de reflexão e transformação na identidade do sujeito. Porém, para que este reconhecimento de atuação social na realidade seja legítimo e não apenas de forma contingente, temos de enfrentar o adultocentrismo, isto significa reconhecer a criança como um sujeito do presente, e não apenas um vir-a-ser-alguém-quando-for-adulto (SANTIAGO e FARIA, 2015),

mas também perceber a fluidez e instabilidade de todos humanos, inclusive os adultos, de modo a reconhecer o inacabado, a ser formado e em dúvida que reside em todos nós. Em outras palavras, trata-se de dissolver o binômio adulto-formado/criança-em-formação e produzir diferenças, múltiplos não-modelados modos de relação entre adultos e crianças.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a escrita deste trabalho, foram diversos os sentimentos, mas se eu tivesse de escolher somente um, diria que a incerteza foi o mais marcante. Este trabalho evidencia que a desconstrução da masculinidade hegemônica e construir novas formas de masculinidades acaba por produzir muitas dúvidas e deslocamentos de si mesmo. Quando não se existe na cultura um lugar para a existência desse sujeito, inventar este lugar não é tarefa simples e espontânea, muito pelo contrário, é tarefa árdua e marcada por vazios, seja na falta de representação - como na docência masculina - ou na falta de recepção - como ser pai homossexual por via adotiva.

O presente trabalho não tem a intenção de encobrir ou ignorar as problemáticas em torno da masculinidade - pedofilia, violência contra homens e mulheres, abandono e negligência paterna, endurecimento emocional, entre outros -, mas busca evidenciar masculinidades diversas e plurais, através de homens reais enfrentando estigmatizações e representações que não contemplam eles mesmos.

As contradições em torno do masculino são múltiplas, se não infinitas para se pôr neste trabalho, mas junto a elas, existem bebês e crianças apontando caminhos distintos, verdadeiras fugas ao normativo. Nesse sentido, encerro este trabalho com a plantação de um jardim por dentro, parafraseando Rubem Alves.

Todo jardim começa com um sonho de amor.  
Antes que qualquer árvore seja plantada  
ou qualquer lago seja construído,  
é preciso que as árvores e os lagos  
tenham nascido dentro da alma.

Quem não tem jardins por dentro,  
não planta jardins por fora  
e nem passeia por eles...

Não vejo outra possibilidade de existir masculinidades múltiplas e diversas sem que existam bebês e crianças múltiplos e diversos. As existências de masculinidades diversas e múltiplas, por enquanto, residem num sonho. Espero que este sonho seja sonhado por outros e outras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOWICZ, A. **A pesquisa com criança em infâncias e a sociologia da infância**. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de e FINCO, Daniela (orgs). *Sociologia da Infância no Brasil*. Campinas-SP: Autores Associados, 2011, p. 17-36.
- \_\_\_\_\_. Apresentação. In: ABRAMOWICZ, Anete e VANDENBROECK, Michel (orgs). **Educação infantil e diferença**. Campinas-SP: Papyrus, 2013, p. 9-12.
- \_\_\_\_\_.; RODRIGUES, Tatiane Cosentino.; CRUZ, Ana Cristina Juvenal. **A diferença e a diversidade na educação**. Editora Contemporânea, n. 2, jul-dez, 2011, pp 85-97
- AITKEN, S. **Fathering and faltering**: "Sorry, but you don't have the necessary accoutrements". *Environment and Planning A.*, vol. 32, p. 581-598, 2000.
- \_\_\_\_\_. **The awkward spaces of fathering**. San Diego, California, Editora Routledge, 2016.
- AJURIAGUERRA, J.de. **Manuel de Psychiatrie de l' enfant**, Paris, Masson, 1973, citado em G. Delaisi de Parseval: *La part du père*, Paris, Seuil, 1981.
- ALKOLOMBRE, P. **O pai ausente**. Reflexões sobre a paternidade e o desejo de filho no homem. Porto Alegre: Revista de Psicanálise Sigmund Freud Associação Psicanalítica, jan./jul. 2015
- ARENDT, H. **A condição humana**. Tradução Roberto Raposo. 7. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995
- ARIÈS, P. **A história social da criança e da família**. Traduzido da 3ª Edição (1975). Rio de Janeiro: Guanabara.1986.
- BADINTER, E. **¿Existe el instinto maternal?** Historia del amor maternal. Siglos XVII al XX. Editorial Paidós, Barcelona, 1991.
- \_\_\_\_\_. **La identidad masculina**. Alianza Editorial, Madrid, 1993.
- BLAKEMORE, J. E. O.; KENISTON, Allen. **Male and female nurturing**: perceptions of style and competence. *Sex Roles*, Vol. 18, Nos. 7/8, 1988.
- BODINE, A. **Androcentrism in Prescriptive Grammar**: Singular 'They', Sex-Indefinite 'He', and 'He or She'. *Language in Society*, Vol. 4, No. 2 (Aug., 1975), pp. 129-146.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Ministério da Educação, 2010.

\_\_\_\_\_. **Projeto de lei nº 1174/2019**. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 2019.

BRITO, G. F. de.; PAULA, J. V. de. **A masculinidade e a ideologia: a socialização masculina**. OPSIS, Catalão, v. 13, n.2, pp. 173-188, 2013.

CERISARA, A. B. **A construção da identidade das profissionais de educação infantil: entre o feminino e o profissional**. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo - USP, 1996.

CONNELL, R.; MESSERSCHMIDT, J. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

CORNEAU, G. **Pai ausente, filho carente**. Editora Manole, 2014.

CORSARO, W.A. **Reprodução interpretativa e Cultura de pares**. In Muller, F. & Carvalho, A.M.A (orgs.). Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez. 2009.

DONZELOT, J. **A polícia das famílias**. Edições Graal, Rio de Janeiro, 2ª edição, 1986.

EDWARDS, C; GANDINI, L; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação**. Editora Penso, 3ª edição, São Paulo, 2015.

FARIA, A. L. G. FINCO, D. Apresentação. In: **Sociologia da Infância no Brasil**. Campinas-SP: Autores Associados, 2011, p. 1-15.

FELIPE, J. **Afinal, quem é mesmo pedófilo?**. Cadernos Pagu, v. 26, p. 201-223, 2006.

FULLER, N. **Identidades Masculinas**. Editora PUC, Lima, 1997.

GIFFIN, K. **A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico**. Ciência & Saúde Coletiva, 10(1):47-57, 2005.

GUATTARI, F. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

HARRINGTON, B.; DEUSEN, F., V.; MAZAR, I. **The New Dad: Right at Home**. Boston College: Center for Work & Family, 2012.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Editora Rosa dos Tempos, 1ª edição, 2018.

JANEI, V.; MACHADO, S. R. M. **“Doces Bárbaros”**: Por uma nova sensibilidade dos professores homens na Educação Infantil. Revista Zero-a-Seis, Florianópolis, v. 22, n. 42, 2020, pp. 710-725.

KRAMER, Sonia; GOULART, Cecília; CORSINO, Patrícia. **Profissionais de educação infantil: ambiguidades de suas trajetórias e formação cultural**. 13º ENDIPE, 2006.

LALLEMAND, S. **Le b. a. ba africain**. Autrement, n. 61, 1984.

LAROSSA, R. **Fatherhood and social change**. In: KIMMEL, Michael S., MESSNER, Michael. A (orgs). Men's Lives. Boston : Allyn and Bacon, 1994.

LOCKS, P. F. **Ensinando as mães: a educação na revista a mãe de família (1879-1888)**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma - Santa Catarina, 2015.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Editora Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 2003.

MIR, A. G. **Família, preconceito de gênero e práticas sexistas na Educação Infantil**. Monografia (Especialização) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. Universidade Virtual do Estado de São Paulo, Núcleo de Apoio Social, Cultural e Educacional, São Paulo, 2013.

MONTEIRO, M. K.; ALTMANN, H. **Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação**. Cad. Pesqui., São Paulo, v. 44, n. 153, p. 720-741, Sept. 2014.

PEETERS, J. **Os homens devem ser prudentes**. Infância na Europa, Lisboa: APEI, nº. 23, p. 19-20, 2012.

\_\_\_\_\_. **Os profissionais da infância: actores de mudanças. Como construir uma nova profissão a partir do terreno**. Infância na Europa, Lisboa: APEI, nº. 15, p. 22-26, julho/dezembro, 2008.

\_\_\_\_\_. **Towards a gender neutral interpretation of professionalism in early childhood education and care (ECEC)**. Revista Española de Educación Comparada, 21, p. 119-144, 2013.

KIVEL, P. **Men's Work - To Stop Male Violence**. Artigo do autor escrito em: <[www.paulkivel.com](http://www.paulkivel.com)>, 2007.

RAMOS, J. **O ingresso e a permanência de professores homens na Educação Infantil: a desconstrução de lugares fixos**. 9º Prêmio Construindo a igualdade de gênero, Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

RIDENTI, S. G. U. **Experiência masculina da paternidade nos anos 1990: estudo de relações de gênero com homens de camadas médias**.

- RIDENTI, S. G. U. **“A desigualdade de gênero nas relações parentais: o exemplo da custódia dos filhos”**. In: ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra G. Unbehaum; MEDRADO, B. (orgs.). Homens e masculinidades – outras palavras. ECOS, São Paulo, Editora 34 Ltda., 1998.
- ROUSSEAU, J. **Emílio ou da Educação**. 3. ed. São Paulo: Difel, 1979.
- SANTIAGO, F.; FARIA, A. L. G. **Para além do adultocentrismo: uma outra formação docente descolonizadora é preciso**. Revista Educação e Fronteiras Online, v. 5, n. 13, Dourados - Mato Grosso do Sul, jan./abr. de 2015, pp. 72-85.
- SAYÃO, D. T. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: Um estudo de professores em creche**. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em educação, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, 2005.
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. vol. 20, nº 2, Porto Alegre, 1995, pp. 71-99.
- SILVA, P. R. **Não sou tio, nem pai, sou professor!** A docência masculina na educação infantil. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2014.
- SIROTA, R. **Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar**. Cadernos de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas, São Paulo: Autores Associados, n. 112, p. 7-32, 2001.
- STAVRINIDES, P.; NIKIFOUROU, M. **Parenting: Challenges, Practices, and Cultural Influences**. Nova Science Publishers, 2013.
- SUMSION, J. **Negotiating Otherness: A male early childhood educator’s gender positioning**. International Journal of Early Years Education, 2000, pp. 129-140.
- TODD, L.; MELDRUM, J. T. **Nurturing fathers: A qualitative examination of child father attachment**. Early child development and care, Vol. 180, Nos. 1/2, January and February, 2010, 249-262.
- VANDENBROECK, Michel and PEETERS, Jan. **Gender and professionalism: a critical analysis of overt and covert curricula**, Early Child Development and Care, vol. 178, nº. 7, p. 703-715, 2008.
- WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Portugal: Edições 70, 1995.

## **ANEXO A - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O PROFESSOR LEO**

Essa entrevista foi pensada para acontecer em 2 blocos. O primeiro bloco é sobre questões gerais que dizem respeito a você.

1ª Pergunta: **Como você foi para a educação infantil e no trabalho com os bebês?**

2ª pergunta: **Como são as suas primeiras semanas de trabalho?**

3ª pergunta: **Como é o seu planejamento? E o que acontece, de fato, nas primeiras semanas, depois do seu planejamento?**

4ª pergunta: **Mas ainda nas primeiras semanas que os bebês estão chegando, como é a sua relação com a família e com a gestão? Nessa parte você pode contar experiências que se relacionam com isso.**

5ª pergunta: **Eu queria que você me contasse um pouco mais sobre se você percebe alguma diferença quando você está enquanto uma figura temporária - professor volante, “dobrando jornada em outra turma” - nas suas relações diversas (famílias, gestão e bebês?)**

6ª pergunta: **Você me contou como são suas primeiras semanas de trabalho e como elas se desenvolvem. Além da questão da confissão, você sente que tem outra diferença?**

7ª pergunta: **Que obstáculos e facilitadores materiais, emocionais e/ou sociais você identifica no seu trabalho? Você acredita serem os mesmos das mulheres?**

8ª pergunta: **Como você percebe a sua presença no momento de chegada dos bebês?**

**2º bloco de perguntas.**

1ª pergunta: **Quando eu vou à creche, geralmente você está sentado com as crianças e quem tem contato com as famílias primeiro são as monitoras. Tem alguma variação na rotina em relação a isso? É uma escolha ou algo espontâneo?**

2ª pergunta: **Você já chegou a comentar que na rotina se guarda um momento para abraçar as crianças, e percebo que geralmente você se coloca numa posição de disponibilidade de abraço, de estar ali com elas e não necessariamente ir abraçando um a um e em algumas vezes as monitoras se colocam nessa posição de abraçar determinadas crianças e um abraço mais ativo, no sentido de que não se colocava numa posição de recepção do abraço, como você enxerga tudo isso?**

3ª pergunta: **No encontro da disciplina de estágio, você comentou que os homens da educação infantil estão isolados, com pouco contato entre si. Você poderia me falar mais sobre isso?**

4ª pergunta: **Sobre a busca de bebês por colo, eu observei que alguns bebês buscam mais o colo de algumas monitoras e outras mais o seu colo. Como você percebe isso do colo de um modo geral?**

5ª pergunta: **Eu também percebi que algumas crianças se aproximavam de mim e eu não sabia muito bem os motivos, só especulava... a gente chegou a conclusão de que existem alguns elementos de materialidade que atravessam o vínculo, a relação de afetividade que as crianças estabelecem com a gente. Você tem alguma contribuição a respeito disso?**

6ª pergunta: **Algo que me encantou muito, foi como você e os bebês se envolvem na brincadeira de jogar a bola para alto no parque. Como surgiu essas brincadeiras? Há outras brincadeiras que marcam a sua docência?**

7ª pergunta: **E sobre as singularidades que você falou, sobre a brincadeira com os elementos musicais, de jogar bola, tem uma marca de gênero e você vê essa diferença em relação a ação das mulheres?**

**8ª pergunta: Tem uma cena sua enquanto duas monitoras trocam fraldas, você acha que a divisão de tarefas em relação a troca de fraldas, higiene e cuidados íntimos é dividido igualmente entre vocês e as monitoras? Há alguma interferência das famílias nessa divisão de trabalho?**

**9ª pergunta: Tem alguma interferência das famílias na divisão das tarefas?**

**10ª pergunta: Você percebe o interesse dos bebês na sua barba ou em algum aspecto físico seu? E como isso se manifesta?**

## **ANEXO B - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O PAI DA FAMÍLIA AMOR**

**1ª pergunta: Como as escolas acolheram/acolhem a especificidade da família de vocês e o fato do Theodoro ter 2 pais. Como vocês imaginavam que seria isso e como foi de fato? Tem alguma orientação que você deixaria para as escolas de modo geral no que se refere ao acolhimento de bebês de famílias homotransafetivas?**

**2ª pergunta: Você já se sentiu preterido ou incapaz de realizar alguma atividade relacionada à paternidade? Alguém já disse ou insinuou que uma mãe faria tal atividade melhor?**

**3ª pergunta: Caso se sinta à vontade para tratar do assunto, ficamos interessado em saber como se apresenta para você e o Amor, a interracialidade, a branquitude e a negritude.**

**4ª pergunta: Como a dinâmica familiar se modificou devido a pandemia no que se refere À vida do seu filho?**

**5ª pergunta: Como você avalia o envolvimento dos responsáveis nos cuidados do seu filho? E em relação às atividades domésticas? E em relação às atividades profissionais?**

**6ª pergunta: Do ponto de vista da construção da identidade de gênero do bebê, ou das referências relativas aos padrões sociais de homens e mulheres na sociedade, você acredita que a pandemia trouxe alguma novidade para o seu filho? Explique**